

Votorantim 85 anos



Votorantim 85 anos

Uma história
de vida e trabalho

1918-2003



Votorantim 85 anos.

Nossa gente faz história.

Projeto Memória
Votorantim

Volume I



Locomotiva para transporte de calcário na
Fábrica de Cimento Santa Helena. Sorocaba,
São Paulo. Década de 40.



Obrigado por estes 85 anos!

Quando, em 1949, eu ia aos sábados com o meu pai plantar pinheiros e eucaliptos em Capão Bonito, sabia que estava contribuindo para semear o sonho do meu avô de construir um grande Grupo e o desejo do meu pai de expandir os negócios em áreas variadas. Ao completarmos 85 anos, vejo que este caminho só pôde ser trilhado porque encontramos parceiros que acreditaram naquele sonho e se juntaram a nós ao longo destes anos. Falo, especialmente, dos nossos funcionários, que contribuíram com seu esforço e dedicação para a construção da Empresa. Hoje somos mais de 28 mil funcionários, 10 negócios diferentes, com Unidades em vários Estados e no exterior.

Assim, decidimos resgatar a nossa história através do Projeto Memória Votorantim, buscando no fundo dos corações e das mentes dessas pessoas as histórias que viveram no decorrer de todo este tempo. São momentos de vida que se mesclam à vida da Empresa. O resultado é uma riqueza de detalhes, emoções e situações inesquecíveis que foram relatadas espontaneamente e que queríamos compartilhar com todos nesta pequena amostra de dois volumes. Este é o nosso reconhecimento a todos os funcionários por terem nos ajudado a chegar até aqui. Muito obrigado!



Antonio Ermírio de Moraes
Presidente do Conselho de Administração

“Nada vem do acaso... vem do trabalho”.

José Alves de Lima

Votorantim Celulose e Papel
Luiz Antônio, SP

Projeto Memória Votorantim

85 anos! Uma longa história guardada nos corações e nas marcas do tempo de todos aqueles que acreditaram num sonho. Uma história resgatada por meio das lembranças daqueles que a construíram diariamente com a força de seu trabalho. Uma história que está guardada na memória. Uma memória individual e coletiva, que está sendo reavivada por seus protagonistas com o Projeto Memória Votorantim.

Este projeto partiu da premissa de que 85 anos de uma trajetória que comporta tantos desafios e tantos sucessos só foram possíveis graças ao comprometimento, ao esforço, à criatividade e à dedicação de cada um dos funcionários e ex-funcionários do Grupo Votorantim. Buscou captar o maior número possível de depoimentos e relatos de vida, valorizando o papel dos funcionários na construção desta história, que agora é apresentada nas páginas destes livros.

As fábricas do Grupo, em várias partes do Brasil, foram visitadas; depoimentos foram colhidos em cabines itinerantes, especialmente montadas; vídeos foram gravados. Homens e mulheres, pais e filhos envolvidos em lembranças de histórias de trabalho deram seus depoimentos: daqueles com maior tempo de casa ao mais novo funcionário, percebeu-se o fio condutor dos valores do Grupo incorporados ao dia-a-dia desses homens e mulheres. As cabines, além de valiosa fonte de relatos e histórias,

constituíram-se em rico espaço de interação com os funcionários, divulgando o projeto, colhendo contatos, demandas e sugestões. Cerca de 180 depoimentos constituem o foco desse trabalho e fazem parte do acervo do Centro de Referência da Votorantim, juntamente com fotografias e outros documentos ali coletados. Com essa perspectiva, começou-se a organizar o acervo histórico do Grupo, iniciando a formação de um banco de dados, que hoje conta com aproximadamente dois mil itens. Uma pequena mostra desse material está publicada neste Volume I.

Ainda durante a primeira etapa do Projeto Memória Votorantim, ocorreu o lançamento da campanha de histórias “Votorantim para Mim”, que garantiu a todos os funcionários a oportunidade de participar, contar a sua história e preservá-la no acervo de memórias da Empresa. Foram aproximadamente 600 relatos, enviados de todas as unidades do Grupo e que superaram as expectativas, não apenas pela quantidade, mas também pela qualidade, riqueza e originalidade das histórias enviadas. Além dos funcionários, participaram esposas, filhos, irmãos e até sogras. Dez histórias de funcionários e cinco

de famílias, além de quinze menções honrosas, constituem a matéria-prima para o Volume II desta coleção.

Essas atividades de 2003 resultaram em importante material para a construção da memória do Grupo e proporcionaram uma valiosa fonte de informação sobre o patrimônio humano da Votorantim, demonstrando o grande potencial a ser explorado em ações.

As histórias aqui apresentadas são uma pequena seleção do universo tão rico daqueles que cresceram junto com a Empresa. Para a Votorantim, iniciar o processo de resgate de sua história, vista aqui como um conto coletivo, é o primeiro passo para a construção de uma memória que sirva como fator de coesão do Grupo, bem como para a preservação e disseminação dos valores e conhecimentos acumulados ao longo desses 85 anos de muito trabalho.

A edição destes dois livros foi a melhor forma encontrada para homenagear as pessoas que contribuíram e estão contribuindo para construir o Grupo Votorantim.



Antônio Pereira Ignácio (primeiro da direita para esquerda), e autoridades locais, na Fábrica de Cimento Votorantim (SP). Década de 30.

Índice

- 7 Obrigado por estes 85 anos!
- 9 Projeto Memória Votorantim
- 17 Breve História do Grupo Votorantim
- 31 De pai para filho
- 32 Crescendo no berçário da Nitro Química - *Rômulo Soares*
- 42 Da tecelagem ao cimento - *João Nunes*
- 45 Igual ao pai - *Natalino Barbosa Moura*
- 46 Amor pelo trabalho - *João Carlos Miranda*
- 47 A história da família é toda aqui - *Sérgio Antonio Cardoso*
- 49 “Herança de família” - *Nelson Candido da Costa Filho*
- 50 Dois turnos - *Aldo de Camargo*
- 51 Dos sacos para cimento à telefonia - *Milton Vaz*
- 52 Os troncos de eucalipto - *Adauto Braga Diniz*
- 53 Para ver a banda passar - *Norberto Corrêa da Silva Filho*

- 57** Encontros com a Votorantim
- 60** A volta ao mundo em oitenta e poucas linhas - *João Cântico Póvoa Filho*
- 70** “Nasci dentro da fábrica” - *Antonio Santucci*
- 72** Um caixotinho cheio de mangas e laranjas - *João Eudes Pereira*
- 74** Brincadeira - *Sidney Amantino de Queiroz*
- 75** “Ainda vou trabalhar para este homem!” - *Maria Angélica de Sousa Carneiro*
- 76** Um trabalho escolar - *Élcio Auricchio*
- 77** Culpa do futebol - *Carlos Guerino Conforte*
- 79** Uma boa oportunidade - *Milton Felix de Siqueira*
- 80** O papelzinho amassado - *Francisco Nogueira da Silva Rabelo*
- 81** Presente de aniversário - *Carlos Tadeu Garcia*
- 83** Trajetórias
- 86** De Office-Boy à Gerente da Contabilidade - *Sérgio Alvinho Picazio*
- 92** De Boieiro a Supervisor de Produção - *Samuel Figueiredo*
- 94** De Pintor Letrista a Segurança do Trabalho - *Darcy Mendes do Nascimento*
- 95** De Carpinteiro a Engenheiro - *Antônio Rubens Gallonetti*
- 96** Sanfona e Companhia - *José Alves Pereira*
- 98** Das embalagens às pessoas - *Paulo Henrique Paiva*
- 99** Pedreiro e Mecânico - *José Sebastião de Sousa*
- 100** Pioneira na Logística - *Ivonete Aparecida Santos*
- 101** Bodas de prata - *Silvia Maria Martorelli*
- 102** Dia de visita - *Carlos André Mantovani*
- 103** O Magazineiro que gostava de computador - *Edson Marcondes dos Santos*

- 107** Dia-a-dia
- 110** A moedinha do sabão Peri - *Valdemar Martinez*
- 119** Os burrinhos ensinados - *Paulo Vieira de Moraes*
- 120** Cuidando dos vivos e dos mortos - *Iraci Martins Lima*
- 121** Inri Ltda. - *José Benedito Rodrigues Junior*
- 124** O dia mais emocionante - *Antonio Eymard Rigobello*
- 125** Sonho de Motorista - *Luis Carlos Bento*
- 127** Máquinas e homens - *Antônio de Pádua Ferreira*
- 128** Futebol na Vila - *Luiz Carlos Batista dos Santos*
- 130** O bombeiro e as cobras - *Cristian Eduardo Oliva*
- 131** Salvando o silo - *Ciro Roque Guimarães*
- 134** Poemas e parafusos - *João Gonzaga de Oliveira*
- 139** Agradecimentos

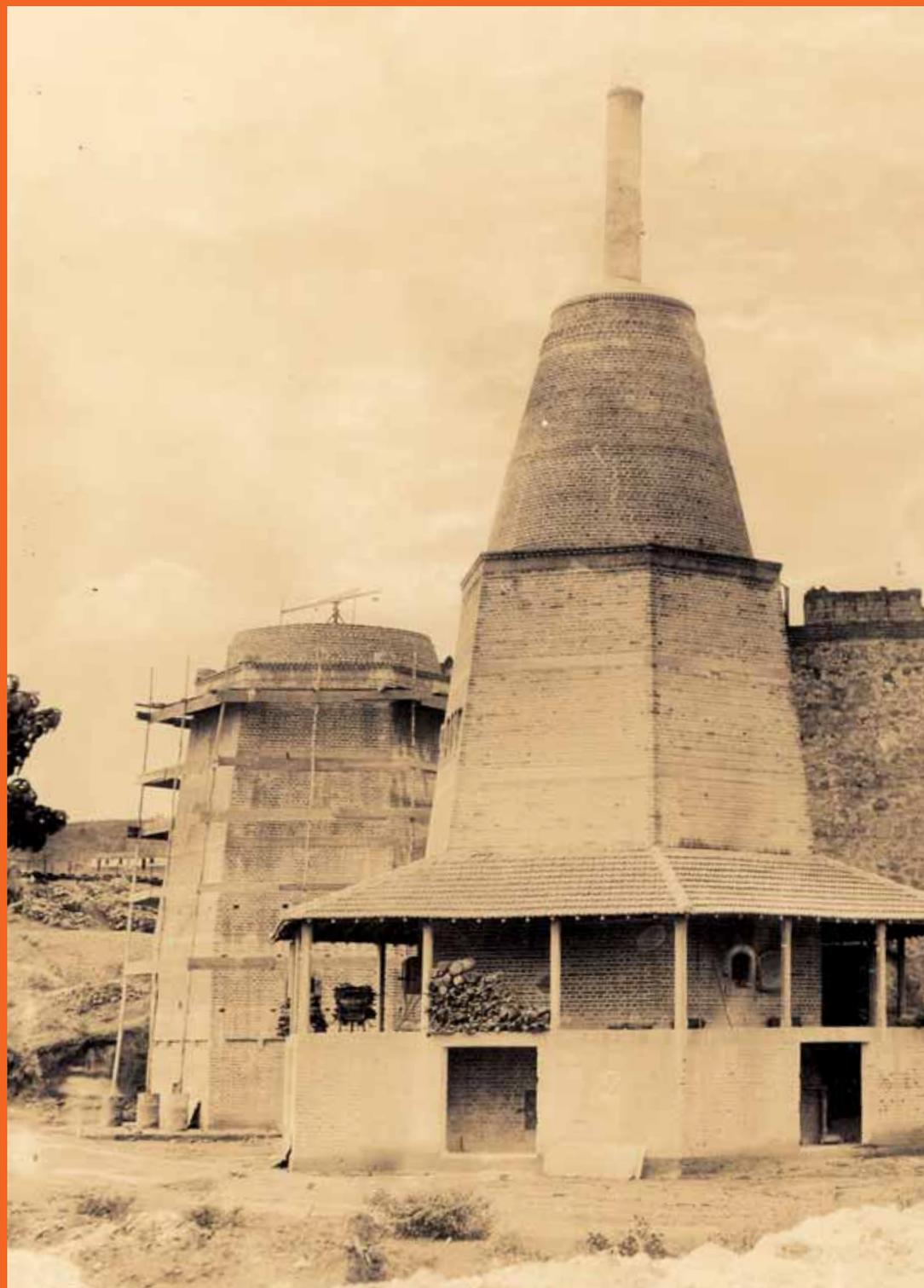
Votorantim
85 anos



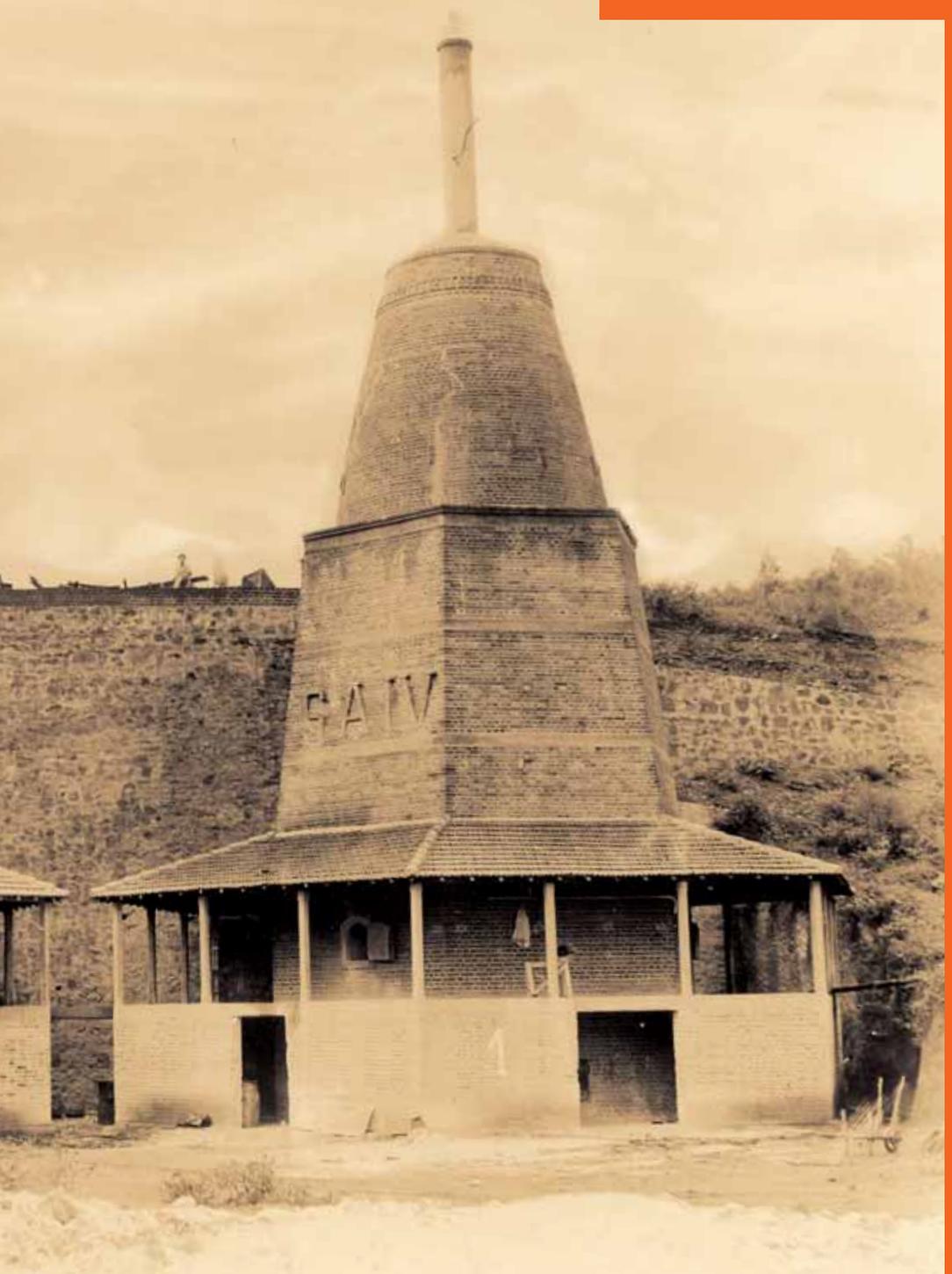
*B*reve
história do
grupo
votorantim

trajetória e
desenvolvimento
do grupo

1918-2003



Fornos verticais de cal virgem.
Inhaíba, São Paulo. Década de 40.





Confraternização de funcionários. Em 1923, a Sociedade Anônima Fábrica Votorantim era uma das maiores empresas do Estado de São Paulo, com cerca de 3.400 empregados.

Tudo começou com uma sapataria

Pereira Ignácio trabalhava sete dias por semana, colocando saltos e meias-solas nos sapatos fabricados pelas famosas indústrias Clark. Ele, que viera de Portugal com parcas noções de leitura e escrita, tinha orgulho de dizer que no Brasil aprendeu as quatro coisas mais importantes de sua vida: ler e escrever, trabalhar e amar os brasileiros.

Da sapataria, Pereira Ignácio deu um grande passo. Em 1918, comprou uma fábrica de tecidos. Passou, assim, de artesão a industrial – uma extraordinária ascensão para quem chegara de Portugal sem nenhum capital além de um entusiasmo indomável.

Com dinheiro emprestado, pagou um bom preço pela fábrica, a que deu o nome de Sociedade Anônima Fábrica Votorantim. Estava sendo plantada a semente do Grupo Votorantim.

Cultivar a dignidade

Em 1923, a Sociedade Anônima Fábrica Votorantim já possuía 3.400 empregados diretos. Milhares de famílias formaram-se, cresceram e criaram seus filhos em torno dessa fábrica. Era precisamente o que Pereira Ignácio sonhara ao estabelecer os alicerces de sua primeira Empresa.

“Felizes são os que podem trabalhar, ganhar e cultivar a sua dignidade”, costumava dizer, vinculando sempre o trabalho à possibilidade de acesso à educação, saúde e bem-estar, além da renda.

A chegada de José Ermírio

O engenheiro José Ermírio de Moraes, casado com Helena, filha de Pereira Ignácio, era do Nordeste. Nasceu e estudou em Pernambuco. O pai, Barroso de Moraes, morrera quando tinha apenas dois anos de idade. A família foi, então, conduzida pela mãe, Francisca de Moraes, a quem coube construir a vida sozinha no interior de um engenho de açúcar.

Dona Chiquinha, como era carinhosamente conhecida, quis que o filho fosse estudar engenharia nos Estados Unidos. Lá, José Ermírio frequentou por quatros anos (1917–21) a Escola de Minas do Colorado.

De volta ao Brasil, seu primeiro emprego foi como engenheiro do Governo de Minas Gerais. Cavalgando em lombo de cavalo e convivendo com o flagelo da lepra, que se disseminava no interior do Estado, mapeou detalhadamente as riquezas minerais da região e ali descobriu as potencialidades do subsolo brasileiro. Para ele, o Brasil estava destinado a ser uma grande potência e tudo dependeria de visão estratégica e trabalho árduo.

De Minas Gerais voltou a Pernambuco e, depois de algum tempo, foi para Sorocaba atendendo a um apelo de Pereira Ignácio.



ACERVO MEMÓRIA VOTORANTIM

Tinha início a saga industrial que se mistura com a história da industrialização brasileira do século XX.

Uma alternativa de crescimento

Em 1926, quando a Votorantim começava a ganhar os contornos do que viria a ser um grupo de grande expressão, a industrialização era uma necessidade. O País já contava com 23 milhões de habitantes, mas quase tudo era sustentado, direta ou indiretamente, pela economia cafeeira. A situação se agravou em 1929, quando o café foi atingido pela depressão mundial. Os preços do produto despencaram, as importações tornaram-se proibitivas e o investimento na industrialização, uma necessidade.



ACERVO CNOB

Funcionários da Companhia Nitro Química Brasileira, outubro de 1949. Em 1937 entrou em operação a Companhia Nitro Química Brasileira, em São Miguel Paulista, São Paulo, voltada à fabricação de raíom.

Ficava claro que o Brasil precisava construir sua infra-estrutura: ferrovias, rodovias, vias urbanas, pontes e habitações. Ao ramo de tecelagem, Pereira Ignácio e José Ermírio adicionaram o de cimento. Uma verdadeira odisséia, como na construção do novo Viaduto do Chá. Do forno à estação ferroviária de Sorocaba, o cimento era transportado por uma estrada de ferro construída por Pereira Ignácio e José Ermírio – um extraordinário arrojo para a época. De Sorocaba à capital, a carga viajava quase 12 horas de trem.

A revolução do raiom

Em meados dos anos 30, o entusiasmo pelo desenvolvimento levou José Ermírio de volta aos Estados Unidos. Lá, começou a “namorar” uma grande fábrica de raiom, localizada no Estado da Virgínia. O raiom viria a revolucionar o setor de tecidos em todo o mundo. Apesar de seu maquinário já gasto e ultrapassado para os padrões norte-americanos, no Brasil, uma fábrica assim geraria empregos e promoveria desenvolvimento num setor ainda carente. José Ermírio comprou a fábrica e a transportou, de navio e de trem, para São Miguel Paulista. Em 1935, era fundada a Companhia Nitro Química.

Mais cimento para o País crescer

Enquanto isso, as Fábricas de cimento do Grupo cresciam. No final dos anos 40, já eram cinco: duas em São Paulo, uma em Pernambuco, outra no Paraná e mais uma no Rio Grande do Sul. Em seguida, vieram Minas Gerais e novos pontos estratégicos do País. Em cada Fábrica, enfrentavam-se novos desafios tecnológicos, riscos de mercado e juros para pagar.

Confiante nos resultados do trabalho e convicto de que este era o caminho que o Brasil precisava seguir, José Ermírio nunca mediu esforços para melhorar a eficiência de suas Empresas e de seus empregados.

Assim, além de gerar centenas de milhares de empregos diretos e indiretos, o cimento da Votorantim ajudou a erguer o sistema hidrelétrico nacional, fábricas, moradias, a cidade de Brasília, o Maracanã e o porto de Itaqui. Mas o Brasil não precisava só de cimento...

A expansão dos negócios

Em 1938, era montada a Usina Siderúrgica de Barra Mansa, que passou a produzir ferro-gusa a partir do minério e do carvão mineral de Minas Gerais. Em meados dos anos 40, a demanda de equipamentos era tanta que o Grupo decidiu montar sua própria oficina mecânica – a Metalúrgica Atlas. Ao longo de seus 50 anos, a Atlas produziu a maior parte das máquinas, equipamentos e grandes estruturas utilizadas pelas Empresas do Grupo.

Já no final da década de 40, José Ermírio começou a dar vazão ao desejo de produzir alumínio, um sonho dos tempos de estudante na Escola de Minas do Colorado. O alumínio, dizia, seria o metal do futuro. Pura intuição, confirmada já nos anos 50, quando o Brasil começou a crescer em ritmo vertiginoso. Em 1955, com 120 fornos produzindo a pleno vapor, entrava em operação a Companhia Brasileira de Alumínio (CBA), São Paulo.

No início da década de 60, José Ermírio divide o controle das Empresas do Grupo Votorantim entre os filhos José Ermírio de Moraes Filho, Antônio Ermírio de Moraes, Ermírio Pereira de

Moraes e o genro Clóvis Scripilliti, casado com Maria Helena Pereira de Moraes Scripilliti.

Assim, mais uma vez conduzido pelo espírito do arrojo e do empreendedorismo dos herdeiros, expandiu sua produção para outros insumos fundamentais no desenvolvimento da indústria brasileira. Nasceram os projetos de produção de zinco e níquel, e mais tarde, no final dos anos 80, o de celulose e papel.

Votorantim 85 anos: vitalidade renovada

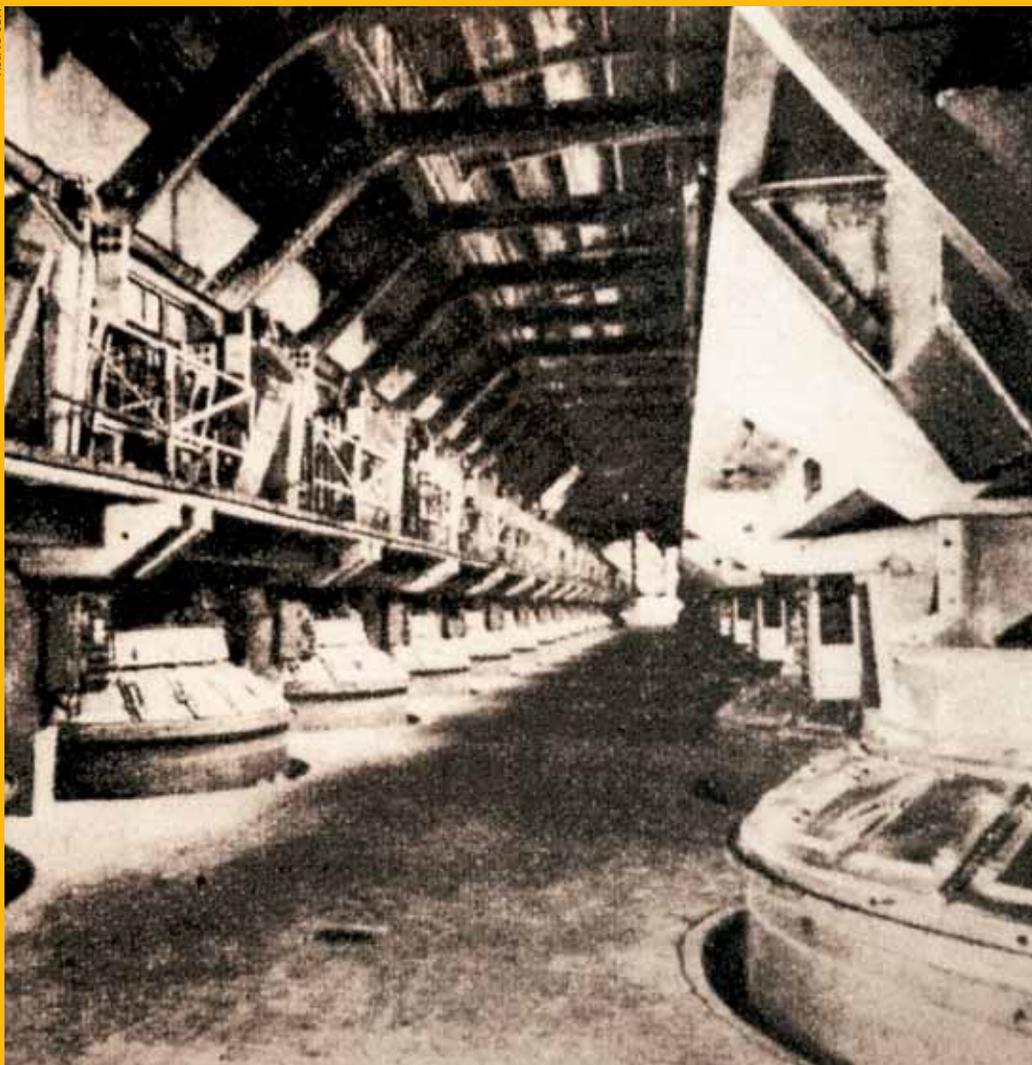
Da pequena sapataria a um dos maiores grupos econômicos brasileiros, o Grupo Votorantim encarou novos desafios, novas tecnologias, nova realidade mundial, com a mesma vitalidade e disposição para a renovação que sempre teve ao longo dos seus 85 anos.

Hoje, já com a terceira geração atuando no Conselho de Família e no Conselho Executivo, a Votorantim está presente em quase todos os momentos da vida dos brasileiros. As empresas do Grupo são líderes ou importantes participantes nos mercados em que atuam: cimento, celulose, papel, alumínio, zinco, níquel, aços, produtos químicos, agroindústria, filmes flexíveis, energia elétrica e serviços financeiros. Mais recentemente, através de um fundo de investimentos, a Empresa vem apostando em negócios inovadores nas áreas de ciências da vida, tecnologia da informação e serviços.

O Grupo Votorantim deu um importante passo rumo à sua internacionalização com a aquisição da St. Marys Cement Inc. (Canadá) e de participação na Suwanee (EUA), respectivamente em 2001 e 2002, implementando, assim, a sua constante busca por novos desafios, apoiada por um estruturado modelo de governança corporativa e alicerçada no comprometimento com as comunidades onde atua, por meio de programas voltados à melhoria de qualidade de vida e ao respeito ao meio ambiente.

Com unidades espalhadas de Norte a Sul do País e nos quatro cantos do planeta, o Grupo emprega, atualmente, cerca de 28 mil pessoas.

Ao comemorar 85 anos, a Votorantim celebra todos aqueles que fizeram e fazem parte da sua história. Milhares de pessoas que, desde 1918, no dia-a-dia da produção, nos escritórios, no atendimento aos clientes, no desenvolvimento da tecnologia, no transporte de mercadorias e em todas as atividades que constroem grandes empresas, colocaram em prática a convicção de que o trabalho é o fator preponderante da dignidade humana. Este é um dos princípios que continuarão norteando todos os empreendimentos com a marca Votorantim.



Sala Fornos da Companhia Brasileira de Alumínio em 1952. Alumínio, São Paulo.

Votorantim
85 anos



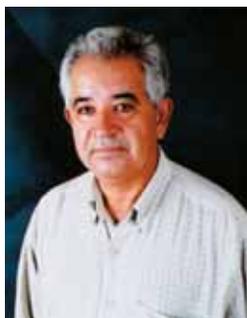
De pai para filho

as histórias de
continuidade dentro
da Votorantim.
As gerações – avôs, pais,
filhos e netos – que
formaram a Empresa
e cresceram
junto com ela

1918-2003

Crescendo no berçário da Nitro Química

por Rômulo Soares



“Nasci em São Miguel Paulista, na Vila de Operários da Nitro Química. Meus pais eram funcionários da Empresa desde o final da década de 30. Eles eram da Bahia. Meu pai começou trabalhando na parte de fiação, e posteriormente passou para a Oficina Mecânica, onde ficou por cerca de 40 anos. Minha mãe traba-

lhava na seção de Desenrolamento de Fio, que transformava as tortas de raiom e de viscose em cones. A Vila tinha umas 300 casas, mais ou menos. Um ano depois que nasci, a Nitro Química inaugurou o seu berçário, e eu fui um de seus primeiros habitantes...”

A saúde das crianças

“Vivi no berçário por dez anos. Era mais ou menos assim: os pais vinham trabalhar de manhã e deixavam os filhos. Quando eles saíam de seus turnos, pegavam as crianças. Eram cento e poucas crianças. Tínhamos de tudo. Café da manhã, almoço, médico, assistência completa. Eu me lembro que éramos obrigados

a tomar vermífugo, por exemplo. E, às vezes, íamos fazer abreu-grafias em São Paulo. São Miguel hoje é longe, mas naquela época era muito mais. Então, para fazer abreugrafia, tínhamos que nos deslocar para o centro de São Paulo, para a antiga Beneficência Portuguesa. Era um comboio de dez, quinze crianças, acompanhadas de algumas tias. Pegávamos o trem até o bairro do Brás, onde nos esperava uma ambulância. Como era valorizada a saúde das crianças!”

Sapato, só aos domingos

“O rio Tietê ficava bem perto. A gente nadava, e nas enchentes se pescava algum peixe. Havia uma grande camaradagem entre as pessoas, pois todas trabalhavam juntas. Então, a convivência era muito intensa. As casas tinham dois quartos, sala, cozinha, banheiro e um quintal relativamente grande, onde as pessoas criavam as suas galinhas, tinham sua horta. Eu, mal chegava do berçário, já saía para a rua, para as brincadeiras mais diversas. Naquela época, qualquer coisa era motivo para brincar. A gente gastava uma tarde para escolher no mato a forquilha para o estilingue: você tinha que escolher aquele galho, aquela árvore certa, que dava a forquilha ideal. A criançada toda usava tamancos, pois, como todo mundo era pobre, sapato só se usava nos domingos.”

Pulando o muro do berçário

“Fiquei no berçário até os dez anos. Acho que nessa época eu já estava perturbando um pouco. Lembro-me de que um dia soubermos de um acidente com um caminhão e que o motorista havia morrido. Na época, os acidentes eram raros, então imagine a curiosidade de uma criança. Eu, já grandinho, com nove ou dez anos, fiquei louco para ver. Pulei o muro e fui até o local do acidente. Ganhei uma repreensão, e acho que foi o que determinou a minha saída do berçário. Isto foi por volta de 1953.”

O Grupo Escolar

“No Grupo Escolar, tive a felicidade de ter professores muito bons. Eles cuidavam da gente. Todos os dias, havia aquela cerimônia de cantar o hino nacional, formar fila. Quando o professor entrava, você tinha que ficar de pé. Eu me lembro de um, por exemplo, que vinha de terno e gravata. Era o Prof. Hélio Goulart. Via se nossas mãos estavam limpas, se o cabelo e as unhas estavam cortados etc. Ele se preocupava com higiene. Enquanto estava dando aula, às vezes tirava um lenço do bolso do paletó para limpar a mão suja de giz. E explicava: ‘Este é para limpar a mão. Para limpar o nariz, tenho este outro aqui.’ E tirava um outro lenço do bolso. Era uma espécie de didática. Então, tive professores muito bons e comecei a trabalhar muito cedo, pois sempre fui curioso.”

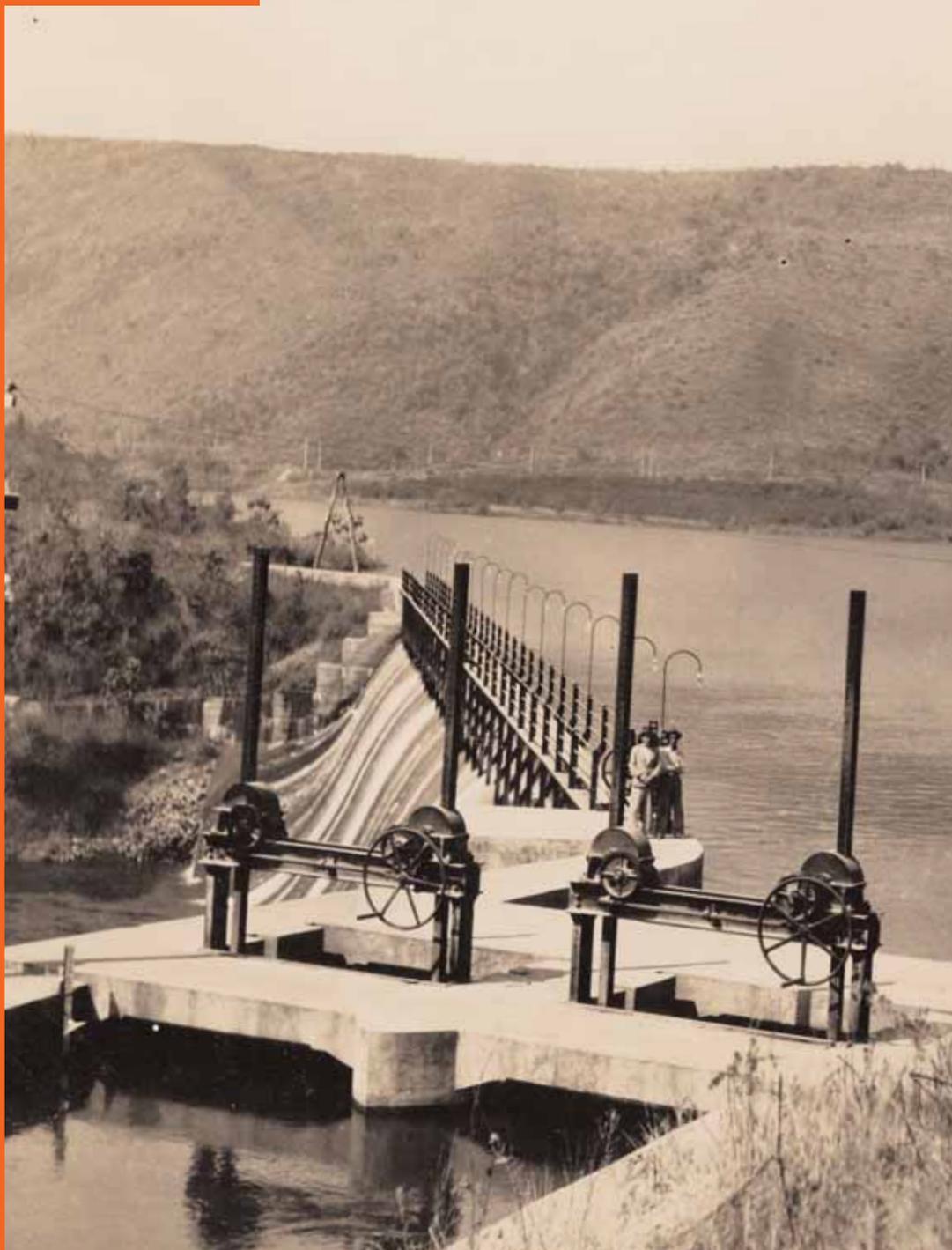


Berçário da Fábrica de Tecidos. Sorocaba, São Paulo. Década de 20.



Parque do Berçário da Companhia Nitro Química Brasileira, quando da comemoração do décimo aniversário de funcionamento, 1953.

Represa de Santa Helena.
Sorocaba, São Paulo, 1941.





Começando a trabalhar

“Comecei a trabalhar na Nitro Química em 1956, com 14 anos, como Contínuo. Minha função era levar documentos de um departamento para outro. Conheci muitos Engenheiros, e havia alguns que nos incentivavam a estudar. Na época, a Nitro Química tinha uma carência muito grande de profissionais. Por isso, ela mantinha uma Escola Senai, onde formava os filhos dos funcionários em Mecânica. Eu não passei pela Escola Senai. Fiz o ginásio em São Miguel e o científico na Penha. Prestei o vestibular e passei na Escola Politécnica. Foi quando conversei com o diretor da Nitro Química. Eu disse: ‘Olha, passei no vestibular e vou estudar. Mas os recursos de meus pais são poucos. O que o Sr. pode fazer pra me ajudar?’ Ele falou: ‘O que eu posso fazer é te arrumar uma bolsa que vai pagar os seus livros e o material escolar.’ E foi assim que eu comecei a estudar na universidade.”

O casamento

“Conheci minha esposa num baile de carnaval do clube. Os pais dela também eram funcionários da Nitro Química, e ela também havia crescido no berçário. Lembrávamos um do outro. Começamos a namorar. Isso foi em 66. Nos encontrávamos mais nos fins de semana, quando íamos a um cinema em São Paulo, no Cine Metro. Nos casamos em 1970.”

Volta à Nitro Química

“Durante meus estudos, a Nitro Química continuou me ajudando devido à bolsa que ganhei. Quando eu precisava de algum livro, comprava e depois levava a nota para a Empresa, e eles me reembolsavam. Assim, quando me formei, em 1968, achei que era minha obrigação me apresentar novamente. Procurei os diretores e falei: ‘Olha, eu me formei e estou aí no mercado, se vocês precisarem.’ Eles responderam que gostariam que eu fosse trabalhar lá. Então, em março de 1969, voltei à Nitro Química. Comecei a trabalhar na Casa de Força, o lugar de geração de energia da Fábrica. Ela gerava parte da energia elétrica que a Fábrica consumia. E isto era fundamental na época, pois havia quedas bruscas de energia em São Paulo. A Fábrica não podia interromper seus processos, como a fiação de raiom.

“Uma interrupção de energia no processo demandava, às vezes, dois, três dias para reiniciarmos a produção. Foi nessa área que passei a maior parte de minha carreira na Empresa. Algumas pessoas ficam intrigadas e me perguntam: ‘Puxa vida, você passou 30 anos fazendo a mesma coisa?’ Eu digo que não, pois não houve um dia igual ao outro. Em 1969, a Fábrica estava mais ou menos estagnada. Mas logo depois ela foi reativada. Contrataram técnicos, compraram novas máquinas. Então, foi uma vivência muito intensa. Tive oportunidade de viajar. Conheci os Estados Unidos, o Canadá e a Europa.”



ACERVO CNOB

Vista de seção de tinturaria da Cia Nitro Química Brasileira, com os equipamentos originais da fábrica adquirida nos E.U.A. Década de 40.

Liberdade de criar

“Tive uma carreira ascendente na Nitro Química. E a minha relação com a Empresa sempre foi de lealdade recíproca. Meus pais trabalharam lá, me educaram, educaram meu irmão, construíram seu patrimônio. Minha vida foi parecida. Eu também trabalhei na Nitro Química, criei meus quatro filhos, constituí meu patrimônio. E sempre tive muito incentivo. Uma das melhores coisas de se trabalhar nessa Empresa foi a liberdade que tivemos para criar. O que é uma empresa, afinal? São as pessoas que trabalham nela. Se elas podem mostrar sua criatividade, a empresa se torna um lugar melhor. E nós tivemos um time de pessoas excelentes, que brigavam, discutiam por idéias, e trabalhavam intensamente em prol da Empresa. Eu espero que a Votorantim continue assim, confiando nas pessoas, investindo e gerando oportunidades – como aconteceu comigo –, tornando possível o sonho de muita gente: se educar, trabalhar e construir alguma coisa.”



Rômulo Soares nasceu em São Paulo (SP), em 18 de julho de 1942. Seus pais foram funcionários da Companhia Nitro Química Brasileira, onde, em 1958, ele também iniciou a carreira como Desenhista Mecânico. É Engenheiro Naval, atuou fora da Empresa por alguns anos e retornou em 1969, saindo em 1995.

Da tecelagem ao cimento

por João Nunes



“Nasci em 1949, na cidade de Votorantim, de onde é toda a minha família. Meus pais trabalharam na Fábrica de tecidos por mais de 35 anos. A minha mãe era tecelã. Meu pai era mecânico.

Minha irmã se aposentou lá, também. Eu iniciei minha vida profissional nessa mesma Fábrica, em 1964, também na área de tecelagem, como Magazineiro. O Magazineiro tinha várias funções: encher os tambores do tear, empurrar carrinho, tirar canilha, entregar a trama, que era o material que se usava para abastecer os teares. No meu primeiro dia de trabalho, fiquei meio perdido, porque era muito barulho. Na época, ainda não tinha proteção para o ouvido. Saí para servir o Exército. Uma ano depois, voltei a trabalhar no mesmo lugar, no setor de Estamparia. Trabalhei por mais de seis anos. Saí outra vez. Fui bancário por algum tempo. Em 1977, iniciei a minha vida aqui na Fábrica de cimento Votoran, onde estou há praticamente 26 anos.”



João Nunes nasceu em Votorantim, então distrito de Sorocaba (SP), em 6 de dezembro de 1949. cursou o Técnico em Contabilidade. Começou como Auxiliar na Fábrica de Tecidos Votorantim, em 1964. Atualmente é Assistente de Almoxarifado na Cimento Rio Branco S.A. – Unidade Santa Helena.

Preparação de rolos de *ordume*
na Fábrica de Tecidos. Sorocaba,
São Paulo. Década de 40.

ACERVO MEMÓRIA VOTORANTIM



TORNANDO O BRASIL NUM GRANDE PRODUTOR DE ALUMÍNIO

Inaugurada solenemente em 4 de junho de 1955, a usina da Companhia Brasileira de Alumínio, em Aluminio, E. F. Sorocabana, São Paulo, com capacidade para 50 000 toneladas anuais de produtos acabados. O Presidente da República, os Governadores de São Paulo e Santa Catarina, os Ministros da Agricultura, da Fazenda, da Aeronáutica e outras altas autoridades federais e estaduais compareceram às festividades. Exaltada a obra do engenheiro José Emílio de Moraes, Natividade para os técnicos: a ligação contínua do alumínio.

O alumínio é hoje um metal de muita alta importância em quase todos os setores da produção industrial. Há muito tempo, deixou de ser mera curiosidade de laboratório, para, no ano de 1886, registrar-se nos regulamentos patentários de empresas em diversos ramos industriais: edifícios e construções, 38%; transportes, 27%; alumínio doméstica, 20%; indústria elétrica, 18%; automobilismo de alumínio e outros produtos, 8%; e indústrias químicas e outras, 7%. Essas porcentagens ganharam importância quando se verificou em 1900, a produção mundial de alumínio era apenas de 7.800 toneladas brutas e 60 anos depois encontrava-se nada menos de 1.800 mil toneladas. Isto quer dizer que, em muito pouco tempo, a produção mundial de alumínio passou mais de 200 vezes. Para que melhor se compreenda a rapidez do crescimento da indústria metalúrgica do alumínio no mundo, aludiremos para o seguinte: há poucos meses atrás, a produção da produção mundial de aço não chegou a ser superior, produzindo-se de 27 milhões de toneladas em 1890 para 175 milhões de 1956.

A despeito de ser um dos metais produzidos na concentração da crosta terrestre, pelo elemento com 8% na sua composição química a ocorrência do ferro não vai além de 0,5%, o alumínio já foi muito raro no que o mundo. Há, atualmente, graças à descoberta de um processo eletrolítico, somente possível com o progresso da eletrificação, o o lítio metal e regular grande do preço. Por isso mesmo, os metais são ferrugem e sua liga, que ocasionou uma interação química forte, como, alumínio, zinco e níquel, e cuja produção está em andamento, são substituídos pelo alumínio, metal que graças a sua baixa peso específico (3 vezes menos que o ferro), fácil soldagem, boa maleabilidade e propriedades químicas favoráveis, conseguiu ocupar-se rapidamente nos trabalhos (principalmente na aviação), na fabrica de artigos domésticos e na indústria elétrica e química, na transmissão de energia elétrica, na acondicionamento de objetos e construído a sua conservação de elétrons.

O alumínio aparece muitas vezes sob a forma de ligas, desde as quais se destacam o galvanizado (cabo e cobre), alumínio (com silício) magnésio (com magnésio) e magnésio (com magnésio). Algumas dessas ligas são utilizadas: soldagens são base que podem substituir e ser em outros casos, com as vantagens de menor peso e maior resistência à corrosão. Há também casos ligas, os conhecidos ardes não azeitado possível. Isto a razão por que os últimos desenvolvimentos mundiais, o alumínio foi desenvolvido "través da guerra", expressão logo depois alterada para "alumínio, metal da guerra e da paz".

Em todo o mundo, quatro companhias (incluindo-se em sua lista a grupo da produção de alumínio) Alcoa, Reynolds e Kaiser, nos Estados Unidos e Alcoa, no Canadá.

Como quase todas as empresas estão examinando grandes programas de expansão, nada está limitado pela importância do mercado mundial.

Dois iniciativas se registraram em

Brasil para a produção de alumínio primário. A primeira delas empresa foi fundada pelo engenheiro Antônio José Giacetti, a Cia. Electro-Química.

A usina, localizada em Ouro Preto, Minas Gerais, produzida durante os anos de 1940 e 1948. O controle da Cia. Electro-Química foi adquirido pela Alumínio do Brasil, subsidiária do consórcio brasileiro "Aluminação Limited". A usina foi posta em funcionamento em agosto de 1951, mas a sua capacidade anual não pode ser aumentada imediatamente em virtude da impossibilidade de se encontrar naquela região a produção de energia elétrica de origem hidráulica. A Electro-Química limitou-se a produzir ligas de alumínio. Parte dessa ligas é destinada à Alumínio do Brasil, outra destinada, que fabrica produtos acabados de alumínio, em São Paulo. O capital da Electro-Química está atualmente dividido da seguinte forma: 62,5% com a Alumínio do Brasil, 25% e subsidiária integral da "Aluminação Limited", e 12,5% com diversas sociedades brasileiras.

A segunda iniciativa para uma indústria integrada de alumínio no Brasil é a

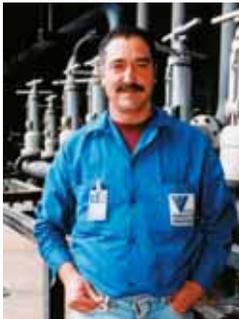


Forno de limpeza de pó de alumínio da Companhia Brasileira de Alumínio

Em 1955 foi inaugurada a Companhia Brasileira do Alumínio.

Igual ao pai

por Natalino Barbosa Moura



“O meu pai veio trabalhar em Alumínio um ano antes da Fábrica inaugurar. Minha família inteira trabalhou aqui. Eu, quando entrei na CBA, tracei um propósito comigo mesmo, de ser igual ao meu pai, ou ainda melhor. Meu pai era Encarregado na época. Entrei como Aprendiz de Exercício de Manutenção. Graças a Deus, consegui alcançar a minha meta. Fui estudando, me formei em Técnico de Metalurgia em 1979. Da Oficina Elétrica fui para a Seção de Fios e Cabos. Fiquei 17 anos lá, até que fui convidado para trabalhar na Fábrica, onde estou há dez anos. A história da minha família está ligada ao Grupo Votorantim. Meus filhos, futuramente, talvez venham a trabalhar aqui também.”

* * *

Natalino Barbosa Moura nasceu em Alumínio, então distrito de Mairinque (SP), em 24 de dezembro de 1960. É formado em Metalurgia. Começou a carreira em 1976, na Companhia Brasileira de Alumínio (CBA), como Aprendiz Eletricista de Manutenção. Atualmente é Técnico Assistente da Alumina.

Amor pelo trabalho

por João Carlos Miranda



“Nasci em Campo Largo, no Paraná, em 1963. Nesse mesmo ano, meu pai começou a trabalhar no Grupo Votorantim. Ele atuava na área de Reflorestamento, na Cimento Rio Branco, no plantio de araucárias. Meu pai agora está aposentado e, às vezes, quando saímos para caminhar ao lado da rodovia, ele mostra a Fábrica e as árvores, dizendo: ‘Este pinho plantei em tal data, este outro não sei quando.’ Quando criança, eu acompanhava meu pai. Pegava as mudas de pinheiro, os pinhões, fazia o jacá, colocava a terra e saía plantando com ele. Entrei na Votorantim em 1981 e, atualmente, sou Coordenador de Manutenção Mecânica, também na Cimento Rio Branco. Do primeiro dia de trabalho, eu me lembro como se fosse hoje. Na noite anterior, até acendi uma vela. Estava ansioso para que o dia chegasse logo. Na Fábrica, tudo era novo para mim. O tamanho das máquinas, a quantidade de gente. Criei raízes, casei, estudei na escola da Empresa. Hoje, tantos anos depois, minha filha estuda na mesma sala, na mesma carteira em que eu estudei. Então, uma coisa que fica é esse amor por nosso trabalho.”



João Carlos Miranda nasceu em Campo Largo (PR), em 5 de agosto de 1963. É Técnico em Mecânica e Analista de Sistemas. Começou a carreira na Cimento Rio Branco – Unidade Rio Branco do Sul (PR), em 1981, como Estagiário. Permanece na mesma Fábrica como Coordenador de Manutenção.

A história da família é toda aqui

por Sérgio Antonio Cardoso



“Nasci em 1963, na Fazenda Santa Helena. Na época, a vila era formada por pequenos ranchos que o pessoal fazia, e eu nasci em um deles. Numa casinha de taipa, praticamente. Os meus pais são de Santa

Helena também. O meu avô, pai de meu pai, veio de Piedade, para trabalhar na Fábrica. Meus avós por parte da minha mãe vieram da Itália. Primeiro trabalharam com lavoura de café na região de Mogi Mirim e depois também vieram para a cidade. O meu pai começou na Empresa moleque ainda. Trabalhou 39 anos na Votorantim. A história da nossa família é toda daqui. Tenho dois irmãos e dois cunhados que trabalham na Empresa. Começamos nos espelhando no nosso pai. Ele começou costurando sacos de cal. Trabalhou como Maquinista, Pintor e, por último, como Operador de Painel de Forno. Naquele tempo, você enxergava o bairro de Santa Helena de longe. Porque saía uma cortina de pó de cimento. Eram seis fornos, trabalhando a todo vapor. Eu entrei em outubro de 1977, com 14 anos. Estava terminando a oitava série do ginásio. Trabalhei quatro meses na Fundação. Depois, virei Office-Boy, que na época chamavam de Contínuo. Aí fui me esforçando.



Escritório da área de compras de algodão. Avaré, São Paulo. Década de 30.

ACERVO MEMÓRIA VOTORANTIM

Fui aprendendo datilografia. Trabalhei em todos os serviços administrativos do escritório: Auxiliar de Custos, Faturista, Conferente. Passei para o setor Financeiro. Fui Tesoureiro da Fábrica até 95. Hoje eu sou Comprador Pleno, quer dizer, faço compras de serviços e mão-de-obra. Durante esse tempo, continuei estudando. Terminei o primeiro grau, fiz o colegial, curso de Contabilidade e hoje estou fazendo Administração de Empresas. Acho que para estudo não tem idade. A gente tem sempre que pensar em melhorar.”

* * *

Sérgio Antonio Cardoso nasceu em Votorantim, então distrito de Sorocaba (SP), em 21 de junho de 1963. É graduado em administração de empresas. Começou a carreira na Cimento Rio Branco S.A. – Unidade Santa Helena, em 1977, como Aprendiz de Fundição. Atualmente é Comprador Pleno.

“Herança de família”

por Nelson Candido da Costa Filho

“Nasci em Alumínio em 19 de janeiro de 1958. A CBA para mim é na realidade uma herança de família, pois meu pai veio de Minas Gerais para trabalhar na Empresa, em 1957. Ele atuava como Encarregado da Sala-Fornos, onde se produz o alumínio líquido. Nasci e fui criado com a promessa de que, assim que atingisse idade de trabalho, também entraria na Empresa. E assim aconteceu. Comecei na CBA no dia 20 de janeiro de 1972, com 14 anos. Trabalhei por três anos, saí por um período curto e retornei em setembro de 1975. Minha função atual é Técnico em Manutenção na Fundação, onde cuido de três máquinas que produzem vergalhão. Estou aqui há 31 anos. Meu pai veio, trabalhou, fez uma vida dentro da Empresa e abriu as portas pra mim. Da mesma forma, eu espero que, após a minha saída, as portas continuem abertas para os meus filhos.”



Nelson Candido da Costa Filho nasceu em Alumínio, então distrito de Mairinque (SP), em 19 de janeiro de 1958. Fez cursos nas áreas de Eletrônica e Metalurgia. Começou a carreira em 1975 na Companhia Brasileira de Alumínio, como Aprendiz. Atualmente é Técnico de Manutenção.

Dois turnos

por Aldo de Camargo



“Nasci em 21 de março de 1963, na cidade de Votorantim. Meu pai e minha mãe trabalhavam no Grupo Votorantim, na indústria de tecidos. Meu pai era Contramestre de tecelagem. Minha mãe, Passa-

deira. Desde pequeno eu ia à Fábrica. Eles trabalhavam em turnos diferentes. Então, quando saía para o trabalho, que era o segundo turno, meu pai me levava junto, para eu poder voltar com minha mãe, que estava terminando o primeiro. Morávamos na Vila Operária. Entrei na Votocel em 1986, como Ajudante de Produção, no antigo Celofane. Posteriormente, passei a Operador de Máquina. Depois de alguns anos, fui para a área administrativa, onde estou até hoje.”

* * *

Aldo de Camargo nasceu em Votorantim, então distrito de Sorocaba (SP), em 21 de março de 1963. É Técnico de Contabilidade. Entrou em 1986 na Votocel Filmes Flexíveis Ltda, como Ajudante de Produção. Atualmente é Analista de Recursos Humanos.

Dos sacos para cimento à telefonia

por Milton Vaz

“Meu pai fazia serviços gerais em Santa Helena. Eu me lembro dele trabalhando a cavalo. Depois começou a trabalhar com trator. Quando se aposentou, estava na seção de Transporte. Comecei com quinze anos, fazendo sacos para embalar cimento. Depois, essa seção parou. A sacaria já chegava pronta. Então, fui para a limpeza dos fornos. Mais tarde, isto também foi automatizado. Passei para a pedreira, na extração do calcário. Hoje eu sou prestador de serviços de telefonia para a Fábrica. Trabalho para mim mesmo, já faz 12 anos.”



* * *

Milton Vaz nasceu em Votorantim, então distrito de Sorocaba (SP), em 11 de outubro de 1952. Fez curso de Telefonia. Começou a carreira em 1968, na Cimento Rio Branco S.A. – Unidade Santa Helena, na produção de sacos de cimento. Trabalhou durante 20 anos no Grupo Votorantim. Atualmente atua como funcionário terceirizado e é o responsável pelo setor de Telefonia da Fábrica.

Os troncos de eucalipto

por Adauto Braga Diniz



“Nasci em 1965, em Alumínio. Entrei na CBA como Aprendiz de Carpinteiro. Meu pai também trabalhou na Empresa. Aliás, minha família toda. Tenho alguns irmãos que trabalham ainda. A nossa vida sempre foi aqui em volta da CBA. Meu pai começou a trabalhar em 1950. Ele conheceu minha mãe na Fábrica, e depois se casaram. Eles contavam que, no começo, ajudaram a tirar os troncos de eucalipto do terreno da Empresa com bois, pois havia muitas dessas árvores na área. Eles trabalhavam com bois porque naquela época não tinha máquina, nem trator, nem motosserra. Era tudo manual. Quando eu cheguei à adolescência, quis trabalhar também, para ter um ganha-pão. Entrei em 1979, na Construção Civil. Fiquei ali sete anos. Depois, passei para uma seção que me dava mais oportunidades de continuar meus estudos: me formei Técnico em Eletrônica e Instrumentação. Durante esses anos, a Empresa mudou muito. A maior dessas mudanças foi a comunicação entre os funcionários. Hoje temos mais diálogo. Foi uma mudança fantástica. Em nossas reuniões, conversamos sobre tudo.

* * *

Adauto Braga Diniz nasceu em Alumínio, então distrito de Mairinque (SP), em 20 de novembro de 1965. Cursou o Técnico em Eletrônica e instrumentação. Começou a carreira em 1988, na Companhia Brasileira de Alumínio, como Aprendiz de Carpinteiro. Atualmente é Técnico de Produção.

Para ver a banda passar

por Norberto Corrêa da Silva Filho



“Nasci em Votorantim, 1956. Trabalho no Grupo desde 1973. Comecei na antiga Fábrica de tecidos. Já estou com 29 anos de serviço na Empresa. No início, cuidava da Folha de Pagamentos, mas passei por toda a área administrativa: Caixa, Almojarifado, Controladoria. Agora estou na área de Logística. Minha família já trabalhava na Votorantim. Meu bisavô era Contramestre de Tecelagem e Regente da Banda da Empresa. Meus avós e meu pai também trabalharam na Fábrica. E todos eram músicos. Está no sangue. Meus filhos também são músicos. Perdi meu pai com 11 anos. Gostava muito de me encontrar com ele na saída do trabalho: quando chovia, ia buscá-lo de guarda-chuva. Mas o que mais me marcou, e isso eu não esqueço, foi quando me levaram até onde ele trabalhava, nos teares. Eu deveria ter uns sete anos de idade. Era hora do almoço, e me deixaram entrar. Eu me lembro de ficar sentado em cima do tear, conversando com ele. É uma coisa que não esqueço.”



Norberto Corrêa da Silva Filho nasceu em Votorantim, atual distrito de Sorocaba (SP), em 11 de setembro de 1956. Graduado e pós-graduado em Administração de Empresas. Começou em 1973, na Votorantim Tecidos, como Auxiliar de Escritório. É Assistente de Almojarifado da Votocel Filmes Flexíveis Ltda.

Funcionários e moradores do Bairro de São Miguel Paulista, com a Banda de Jazz Nitro composta por funcionários da Companhia Nitro Química Brasileira, 1944.





Votorantim
85 anos



*E*ncontros com a votorantim

histórias dos
primeiros contatos
com a empresa

1918-2003

Porto da Fábrica de Cimento
Portland Poty, no Rio Timbó,
Pernambuco, 1948.





A volta ao mundo em oitenta e poucas linhas

por João Câncio Póvoa Filho



“Estava em casa no Rio, minha irmã disse: ‘João Câncio, João, Joãozinho, telefone para você.’ Eu perguntei: ‘Quem é?’ Ela respondeu: ‘Ah, é doutor José Ermírio, você conhece?’ E eu: ‘Conheço.’

“Eu conhecia o doutor José Ermírio do Banco Mercantil. Eu era secretário particular do Gastão Vidigal e secretário do Conselho, e o doutor José Ermírio era um dos conselheiros. Eu havia pedido demissão do Banco. O doutor José Ermírio me disse ao telefone: ‘Câncio, já sei que você vai sair do banco. Você pode vir falar comigo amanhã às 15h?’ No dia seguinte, ele me disse: ‘Você vai trabalhar comigo, eu faço questão.’ Eu fiquei encantado. Eu tinha então 65 anos e foi assim que comecei na Votorantim. Estou aqui há 20 anos.”

“Um dia desses, eu disse ao doutor Antônio Ermírio que a maior alegria de minha vida será terminar os meus dias de trabalho aqui, ao lado de um homem da envergadura dele. E veja que trabalho desde 1937, quer dizer, há praticamente 70 anos. Vi muita coisa durante esse tempo. Praticamente corri o mundo inteiro.”

O primeiro emprego

“Meu primeiro emprego foi no Instituto de Pesquisas Tecnológicas (IPT), em São Paulo, quando estudava na Escola Politécnica. Um dia, no terceiro ano, o professor Ary Frederico Torres, que era diretor do IPT, leu uma prova minha em classe, alto, por tê-la achado excelente, e me convidou para trabalhar como Assistente. Eu fui. No fim do mês, escrevi para o meu pai que não precisava mais mandar mesada e nunca mais ninguém na família me deu ou mandou um tostão. Passei a viver às minhas custas.”

“Formei-me dois anos depois, em 1939. Fui trabalhar num escritório de Engenharia, em serviços de água e abastecimento. Engenharia Sanitária. Estava trabalhando nisso quando a Congregação da Escola Politécnica me deu um prêmio: um curso de Engenharia Sanitária na Universidade de North Carolina, nos Estados Unidos. Então, durante a Guerra, cheguei aos Estados Unidos. Eram cinco dias de viagem. O avião era um DC-3. Saíamos do Rio de Janeiro e a viagem acontecia somente durante o dia. O itinerário era Recife, Belém do Pará, Guiana Francesa, Guiana Holandesa, Guiana Inglesa, Ilha de Trinidad, Porto Rico, Santo Domingo, Haiti, Cuba e Miami. Em Miami, fiquei onze dias esperando condução. Era a Guerra. Difícil de viajar.”

“A vida nos Estados Unidos foi estranha no princípio. Eu estava habituado com o Brasil. Naquela época, todo mundo tinha empregada para tudo. Você chega nos Estados Unidos e a primeira coisa que descobre é que ninguém faz nada para ninguém. Eu es-

crevia para a minha mãe, contando. E dizem que ela, dona Mariana de Loyola Póvoa, quando ouvia que seu filhinho ia lavar roupa na lavanderia, chorava e dizia: ‘Mas esse país não presta!’”

História de novela

“A história da minha família daria uma boa novela. Minha mãe era a moça mais bonita da cidade de Goiás Velho. Ela morava na casa de minha avó, que ficava ao lado da casa da poeta Cora Coralina. Naquela época, as moças das boas famílias tinham muita dificuldade de achar com quem casar, pois os rapazes saíam para estudar em Ribeirão Preto, São Paulo, Rio de Janeiro. Então, as moças acabavam tendo que casar com um funcionário do Correio, da Farmácia, coisa e tal. Um dia, apareceu em Goiás um Juiz de Direito, baiano, com 35 anos. Minha mãe tinha 13. O único lugar a que ela ia era o cemitério, aos domingos, com a mãe, uma senhora extremamente braba e austera. E este juiz viu minha mãe no cemitério. Apaixonou-se por ela e a pediu em casamento. Minha mãe fez 14 anos no dia 7 de novembro e casou-se no dia seguinte com esse doutor Manoel Lopes de Carvalho Ramos. Então, teve cinco filhos, quatro homens e uma mulher. Alguns anos depois, o doutor Carvalho Ramos ficou doente das faculdades mentais. Goiás não tinha hospitais, não tinha médico, não tinha nada. Então, minha mãe veio até Ribeirão Preto em lombo de burro. E, depois, partiu para o Rio de Janeiro, para internar o marido. Lá, ela ficou viúva. Meu pai, que também era goiano e a conhecia, já

estava na cidade. A esta altura, era professor da Escola Politécnica. Eles se conheceram no Liceu Goiano, aonde iam ler poesias. Casaram-se. E minha mãe teve mais dois filhos, minha irmã, Estela Regina, e eu, João Câncio, nome de um santo polonês, mas sem muito prestígio no Brasil.”

“O senhor vai correr o mundo”

“Voltei dos Estados Unidos como Engenheiro Sanitarista. Fazia rede de água, tratamento de água, rede de esgoto, e também a medicina preventiva, como o controle da malária. Comecei a trabalhar no Vale do Rio Doce. Trabalhava de bota, espora, no lombo do burro. Não tinha luz elétrica. Trabalhávamos de Vitória a Conselheiro Crispiniano, fazendo saneamento naquelas cidades pequenininhas, construindo privadinhas, poço, rede de esgoto. Construimos também vários leprosários. No Carnaval de 1946, fomos a Guarapari, na época uma colônia de pescadores onde as pessoas tinham muitas doenças de pele. Não havia estrada e nós tínhamos que ir pela praia, na maré baixa. Chegamos lá no Carnaval, não tinha hotel, não tinha nada. Conseguimos, por muito favor, um quarto numa pensão. À noite, descobrimos que havia na pensão um hindu que lia a sorte. Ele não passava de um camarada de cor com um turbante, mas resolvemos fazer uma consulta, por diversão. Custava 100 mil réis, era uma nota preta, mas fizemos mesmo assim. Quando ele leu a minha mão, disse: ‘O senhor vai fazer uma viagem. Mas não é viagenzinha. Não pense que é ali

no Amazonas... O senhor vai correr o mundo todo. Os quatro continentes. E isso é logo.” Voltamos para Vitória na Quarta-Feira de Cinzas e encontrei na minha mesa uma carta do reitor da Universidade, dizendo que tinha me indicado para um posto de Engenheiro Sanitarista na Grécia! Engenheiro da Organização Mundial de Saúde. Em 10 dias eu já estava em Washington, fazendo um curso intensivo de grego.”

O inexplicável universo

“O passeio que eu e minha irmã mais gostávamos de fazer, quando éramos crianças no Rio de Janeiro, era ir ao Observatório Astronômico da Escola Politécnica, que ficava em São Cristóvão, no Morro do Valongo. Gostávamos de ver os planetas, as estrelas duplas, as estrelas triplas. Ver o universo. Daí talvez o fato de até hoje eu não ter conseguido abraçar uma religião, ser um pouco agnóstico. Porque as religiões cuidam exclusivamente da Terra e eu, desde pequenino, via o universo. O inexplicável universo. Estrelas duplas, estrelas triplas, o universo que se move...”

A Albânia, a China e o casamento de Carmem Miranda

“Depois de meu curso intensivo de grego, estava pronto para começar. De Washington fui para o Canadá, de lá para a Groen-

lândia, Irlanda, França, Itália e Grécia. No dia 10 de abril, aniversário de minha irmã, cheguei a Atenas, e ali trabalhei durante um ano. A Grécia queria estender o controle da malária a toda a Península Balcânica, e foi assim que nós acabamos na Albânia. O ditador do país, na época, era mais comunista que o Stálin. Nós vivíamos praticamente presos no hotel. Ficávamos no quarto andar, e os russos no quinto. Portas todas abertas, não tínhamos permissão para fechar as portas. Depois de sete meses naquela situação, vi que não conseguiríamos fazer nada. Para tomar um banho de mar perto de Tirana, tínhamos que mandar uma carta para os russos, informando quantos veículos iriam, e que língua ia se falar em cada um, para eles mandarem um camarada hábil nessas línguas para cada veículo. Não agüentei e pedi a minha transferência. Embarquei num navio russo com destino à Itália e, quando cheguei – acho que o papa aprendeu comigo! – beije o chão. Porém, uma surpresa me esperava. O pessoal da ONU havia aceito minha transferência – mas para a China! E lá estava eu outra vez. Londres, Córsega, França, Líbia, Egito, Iraque, Índia, Hong Kong, China. Finalmente cheguei em Xangai. Fiquei ali dois meses, e então me mandaram para uma província no centro do país, onde permaneci por um ano, trabalhando com saneamento. A China é um país enorme, com montanhas e rios imensos e pequenos vales para a agricultura. Na época, os vales eram adubados com excremento humano e as casas todas tinham um quartinho em que o excremento era guardado. No final de cada rua, uma casinha maior guardava o excremento de todas as casas. Todos os

dias, das seis às oito da manhã, passavam aqueles camaradas com suas tinas, para levar aquilo para as áreas agrícolas. Essa foi a China que eu conheci. Até que, no final de 1948, os chineses mandaram embora o pessoal da ONU, e eu embarquei num avião para os Estados Unidos. No dia em que cheguei em Los Angeles, liguei para a Carmem Miranda, de quem era muito amigo. Ela me disse: ‘João, vem já pra cá, que é o meu casamento.’ Ela estava casando com o David Sebastian, casando de desespero, que a paixão dela era o Aloísio. Mas o Aloísio tinha se casado com uma americana rica... A Carmem se casou com esse David Sebastian e foi muito infeliz, entrou no álcool. Mas eu fui ao seu casamento. Se não me engano, no final de 1948.”

Volta ao Brasil

“Aí vim para o Brasil. Tinha duas propostas para ficar nos Estados Unidos, mas meu irmão me escreveu, pedindo para voltar, e minha mãe pressionando, dizendo que estava com a vela na mão... Voltei. Ia trabalhar no Banco Interamericano de Desenvolvimento (BID), mas recebi a proposta do Banco Mercantil, onde fiquei quinze anos. Recebi outras propostas também. Os Mesquitas, do jornal *O Estado de S. Paulo*, que eram meus amigos, me convidaram para fazer crítica de ópera. Assim, fui crítico de ópera de 1950 a 1980. Mas já tinha feito isso antes para o *Diário da Noite*, quando era aluno da Escola Politécnica. Quem me levou à



ACERVO MEMÓRIA VOTORANTIM

Setor Administrativo da Fábrica de Tecidos. Sorocaba, São Paulo.
Década de 40.



ACERVO MEMÓRIA VOTORANTIM

O antigo Hotel Esplanada, localizado na Praça Ramos de Azevedo, em São Paulo, Capital, tornou-se a nova sede do Grupo Votorantim a partir de 1965.

crítica foi o Mário de Andrade, com quem eu costumava ir ao teatro e a óperas. Aliás, vou contar outra coisinha rápida: foi fazendo crítica que eu vim a falar grego no Brasil. Em 1951, com a Maria Callas, no Teatro Municipal. Mas, como eu ia dizendo, fiquei no Banco Mercantil durante 15 anos. Então, pedi minha demissão. Foi quando encontrei a Votorantim, aos 65 anos.”

A família Votorantim

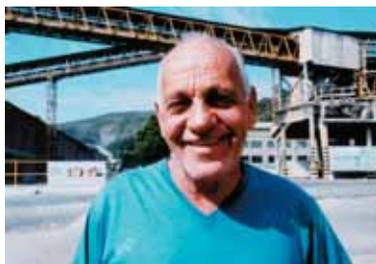
“Eu entrei na Votorantim no dia 4 de julho de 1983. No fim do ano, mandei um cartão ao doutor José Ermírio, onde eu dizia: ‘Doutor José Ermírio, conhecer mais de perto o senhor, doutor Antônio e sua família, faz a gente acreditar que existe um Deus.’ Ele me respondeu: ‘João Câncio, este cartão eu vou guardar.’ Acho que eles são extremamente humanitários. Não têm prosa. E isso se estende a toda a família. A terceira geração, por exemplo, está aí. São todos cultos, preparados, cada um já está no seu ponto, dirigindo, trabalhando. Aquele provérbio que diz que filho de milionário vive bem, mas neto passa fome, não funciona com a Votorantim, pois a terceira geração está aí, brilhante e perfeita.”



João Câncio Póvoa Filho nasceu na cidade do Rio de Janeiro (RJ), em 18 de dezembro de 1916. É Engenheiro Civil com especialização em engenharia sanitária. Começou a carreira no Instituto de Pesquisa Tecnológica (IPT) e atualmente é Assessor da Presidência do Grupo Votorantim.

“Nasci dentro da fábrica”

por Antonio Santucci



“Eu nasci em 1941, dentro da fábrica, onde é o orquidário hoje. Nessa época, ainda não existia a Vila Operária. Meu pai foi fundador da Votoran, em 36. Foi só depois de alguns anos que formaram a

Vila. Eu comecei na Empresa em 1957, na seção de Sacaria. Os sacos ainda eram fabricados aqui mesmo. Depois trabalhei dois anos e meio na Fábrica de papel. Mais tarde, passei para a Oficina Mecânica, onde fiquei até me aposentar. Eu me dedico à Empresa do mesmo jeito que me dedico à minha família, quer dizer, não tenho a Empresa em segundo plano e a minha família em primeiro. Eu analiso assim: são os dois em primeiro. Por quê? Porque eu fui criado na Votorantim e foi aqui que criei meus filhos todos. Tenho filho que trabalha no Grupo também. Então, tenho um carinho muito grande por tudo isso.”

* * *

Antonio Santucci nasceu em Votorantim, então distrito de Sorocaba (SP), em 13 de março de 1941. Morou junto à Cimento Rio Branco S.A. – Unidade Santa Helena. Especializou-se em instalação hidráulica, industrial e residencial. Começou em 1957, na Unidade de Sacos de Cimento.



Casas de operários na Vila Votorantim. Sorocaba, São Paulo, 1943.

Um caixotinho cheio de mangas e laranjas

Por João Eudes Pereira

“Nasci no município vizinho de São Gonçalo do Abaeté.



Meus pais trabalhavam na lavoura. Quando eles me mandaram à cidade para estudar, me disseram: ‘Você vai estudar porque tem uma Empresa nova que chegou. Você vai estudar porque a Empresa precisa

que você saiba ler e muitas coisas.’ Foi assim que eu entrei no primário já com o objetivo de trabalhar na Companhia Mineira de Metais. Eu estudava e, depois da escola, ia vender fruta na porta da Fábrica. Chegava com um caixotinho cheio de mangas e laranjas, e ficava observando o movimento. Eu via as pessoas entrando para trabalhar, e tinha muita vontade de participar daquilo. Estudei aqui até a 8ª série, depois fui para Belo Horizonte fazer um curso técnico em Metalurgia. A intenção era fazer faculdade, mas, como eu sou o décimo primeiro filho de uma família muito pobre, na época não deu. Terminei o curso técnico e comecei a trabalhar na Empresa como Operador de Produção. Hoje sou Coordenador de Qualidade. Vai fazer 22 anos que estou na Empresa. Nesse tempo, muita coisa mudou. Hoje a gente sabe que a qualidade é feita de

peessoas. Começa com a gente. Parede, máquina, não fazem qualidade, não fazem zinco, não fazem nada. A Fábrica somos nós. A disciplina é necessária, claro. Mas tem que ser uma disciplina alegre. Não metódica, de cara fechada. As pessoas precisam gostar daquilo que fazem. Trabalhar com habilidade, inteligência e bom humor. A gente precisa gostar da vida. A vida é o hoje. Se a gente souber viver o agora com alegria, com certeza o amanhã vai ser muito mais alegre ainda.”



João Eudes Pereira nasceu em 5 de março de 1960, em São Gonçalo do Abaeté (MG). Tem curso Técnico em Metalurgia e cursa Faculdade de Biologia. Começou a trabalhar na Companhia Mineira de Metais em 1982, onde atualmente é Coordenador de Qualidade.

Brincadeira

por Sidney Amantino de Queiroz



“Eu pensava em trabalhar na Votorantim, mas era funcionário da prefeitura de Mairinque. Já havia feito o curso de Técnico em Instrumentação com essa idéia remota de um dia trabalhar na Empresa, mas não apostava nisso. Eu conhecia um funcionário da Votorantim que, quando soube da minha vontade, pediu informações sobre o curso e a data em que eu havia me formado. No mesmo dia me ligou, dizendo que eu poderia trabalhar lá, se quisesse. Achei que fosse brincadeira. Depois tive medo. Eu estava há oito anos como funcionário público. Fiquei com receio de sair, e de repente não me adaptar. Levei meses pensando. Um dia ele me ligou e disse: ‘Olha, você vai ter que tomar essa decisão agora.’ Então, eu pensei: ‘É agora ou nunca, vou para lá encarar esse desafio.’ Encorajei-me de vez. Eu me senti à vontade rapidamente. Foi uma superação fantástica. E me orgulho muito disso. Foi como se eu tivesse iniciado meu primeiro trabalho aqui.”



Sidney Amantino de Queiroz nasceu na cidade de Mairinque (SP), em 08 de junho de 1963. Fez curso Técnico em Instrumentação. Em 1994 deixou a carreira de Funcionário Público para trabalhar na Companhia Brasileira de Alumínio, onde é atualmente Técnico de Manutenção.

“Ainda vou trabalhar para este homem!”

por Maria Angélica de Sousa Carneiro

“Eu morava em Juazeiro do Norte, Ceará, e via o doutor Antônio Ermírio na televisão e dizia: ‘Ainda vou trabalhar para esse homem.’ Fiz uma prece para Nossa Senhora. Aí eu vim para São Paulo. Quando eu cheguei na Barra Funda, estavam procurando bloquista e copeira. Eu disse pra mim: ‘Nunca trabalhei de copeira, mas vou entrar aí pra trabalhar.’ Entrei e estou até hoje. Eu sempre fui uma pessoa que, quando eu quero realizar um sonho, vou em frente.”

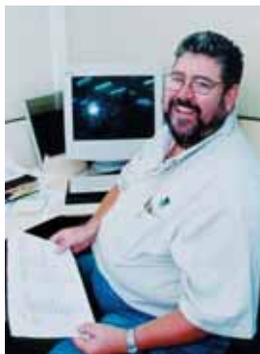


* * *

Maria Angélica de Sousa Carneiro nasceu na cidade de Baturité (CE), em 20 de novembro de 1945. Em 1980, começou a trabalhar como Copeira da Gráfica do Grupo Votorantim, localizada no bairro da Barra Funda. Transferida para o escritório da CBA, permanece até hoje com a função de Serviço Geral.

Um trabalho escolar

por Élcio Auricchio



“A Votorantim aconteceu na minha vida antes mesmo de eu pensar em emprego e em trabalho. Eu tinha 10, 11 anos, quando fiz um trabalho na escola sobre papel. Eu reuni o nome de uma série de empresas para procurar algum material para a pesquisa. E uma das empresas escolhidas foi a Votorantim. Eu me lembro que entrei no Prédio da Praça Ramos, onde mais tarde seria o meu local de trabalho. Não esqueço que fui muito bem atendido. Entrei no prédio, que era um antigo hotel. Um funcionário me atendeu, me mostrou como funcionava a Empresa e me deu muito material para o trabalho. Foi muito especial. Esse foi meu primeiro encontro com a Votorantim. Anos mais tarde, me formei em Engenharia de Minas, na Escola Politécnica da USP, e fui convidado para trabalhar na área de Moagem do Grupo, dando assistência às várias fábricas do Sul e Sudeste.”

* * *

Élcio Auricchio nasceu em São Paulo (SP), em 01 de dezembro de 1953. Formado em Engenharia. Começou a trabalhar no Grupo Votorantim em 26 de dezembro de 1978, na Seção Técnica da Área de Cimento, como Coordenador de Moagem e Britagem, para as regiões Sul e Sudeste. Atualmente é Engenheiro de Projetos da Rio Branco – Unidade Santa Helena.

Culpa do futebol

por Carlos Guerino Conforte



“Eu entrei na Votorantim há 23 anos, jogando futebol. Apesar de estar um pouco gordinho agora, na época eu jogava muito futebol de salão: formei um time com funcionários da Votocel e viemos disputar o campeonato dentro da Empresa. Acabei ficando. Dizem que, quando se bebe dessa água aqui, a gente fica mesmo. Já faz tanto tempo, e parece que não. Acho que é porque aqui todo mundo é muito família. A gente se sente filho da casa. Acaba se apegando e, quando vai ver, já se passaram 23 anos.”



Carlos Guerino Conforte nasceu em São Paulo (SP), em 23 de maio de 1957. Ingressou no Grupo em 1981, na Distribuidora de Papel Celofane do Ipiranga. Transferido para a Tesouraria, no setor de Contas a Pagar, do escritório da Praça Ramos de Azevedo, trabalhou sempre vinculado aos Acionistas do Grupo. Atualmente trabalha como Controlador de Operações Financeiras.



Caldeira de vapor marca Franco para tingimento de tecidos, Fábrica de Tecidos. Sorocaba, São Paulo. Década de 30.

Uma boa oportunidade

por Milton Felix de Siqueira



“Comecei na Votorantim em 1988. Estava desempregado e soube de uma vaga por um colega. Concorri com seis outros. Eu tenho um defeito físico: perdi a mão direita num acidente de trabalho, numa ou-

tra empresa. Mas na entrevista fui bem-sucedido e consegui a vaga. Quando entrei, era Encarregado do Pátio e da Limpeza. Gostei do trabalho e da firma. E de 1988 para cá, vejo que ela só faz crescer. Já estou aposentado há sete anos e continuo aqui.”

* * *

Milton Felix de Siqueira nasceu em Mogi das Cruzes (SP), em 19 de abril de 1947. Em 1988, começou a trabalhar na Cia Níquel Tocantins, como Encarregado do Pátio e Limpeza. Atualmente é Supervisor de Manutenção Civil e Pátio.

O papelzinho amassado

por Francisco Nogueira da Silva Rabelo

“O começo da minha história na Votorantim é até



meio incrível. Eu estava desempregado. Estava rodando a Rua Barão de Itapetininga atrás de emprego. Nessa rua tem aqueles senhores que ficam andando com placas penduradas no corpo, anunciando oportunidades. Eu peguei

cinco papezinhos de agências e comecei a ir de agência em agência. Cheguei na primeira, o cargo já havia sido preenchido. Na segunda, a mesma coisa. Na terceira e na quarta, também. Aí, desanimado, peguei o quinto papel, amassei e joguei no chão. Pensei: se o quarto não deu, o quinto também não vai dar. Estava indo embora, mas alguma coisa me chamou. Pensei: puxa, se eu já estou aqui na cidade, o que me custa ir nesta quinta agência? Voltei, peguei o papel do chão, desamassei e fui à agência. Cheguei lá e soube que o cargo também estava preenchido. Fiquei com uma cara tão desanimada, que a moça disse: ‘Vamos enviar ele também. Quem sabe dá sorte.’ E, graças a Deus, hoje estou aqui.”



Francisco Nogueira da Silva Rabelo nasceu em Santo André (SP), em 28 de julho de 1962. É Programador de Visual Basic e Delphi. Em 1986 foi admitido no escritório da Praça Ramos de Azevedo como Segurança Patrimonial onde permanece até hoje.

Presente de aniversário

por Carlos Tadeu Garcia



“Entrei na Votocel em 1994. Foi um ano difícil, pois eu estava desempregado. Recebi a resposta de que havia sido aprovado para o cargo no dia 14 de julho, que era meu aniversário. Então, para mim, foi um verdadeiro presente. Entrei como Engenheiro Elétrico. Hoje sou Facilitador-Líder do time de Engenharia Industrial, responsável pela manutenção. Foi uma grande oportunidade. Tive muito reconhecimento. Na Votocel, temos contato franco com nosso diretor e com nossos gerentes. Não há muita barreira. É um ambiente de amizade e proximidade.”

* * *

Carlos Tadeu Garcia nasceu em Sorocaba (SP), em 14 de julho de 1954. É formado em Engenharia Elétrica com Pós-Graduação em Administração de Empresas. Em 1994 ingressou na Votocel Filmes Flexíveis Ltda. Atualmente é Facilitador Líder de Engenharia Industrial.

Votorantim
85 anos



Trajetórias

histórias de crescimento
pessoal de quem ajudou
a Votorantim a crescer

1918-2003





Primeiro Grupo de Funcionários da Companhia Nitro Química Brasileira, em 1936.

De Office-Boy à gerente da Contabilidade

por Sérgio Alvino Picazio



“Nasci na Bela Vista, na época do bonde. Era um bairro tradicional de famílias italianas em São Paulo. Meu pai era italiano; minha mãe, filha de italianos. Ele trabalhava como alfaiate para a antiga Casa Mappin. Na época, as roupas ainda não eram industrializadas, tudo era feito pelos alfaiates. Outros tempos. Eu e meus irmãos nascemos todos com a mesma

parteira. À noite, as pessoas punham cadeiras para fora de casa e ficavam conversando na calçada. Quando íamos para a cidade de bonde, era uma coisa nova, um passeio fora do normal. Quando voltávamos para casa, ouvíamos sempre a mesma pergunta: ‘Como está a cidade?’ ”

Movido pela curiosidade

“Frequentei o grupo escolar na rua Major Diogo, depois a Escola do Comércio. Com 19 anos me formei contador, mas já esta-

va na Votorantim. Meu primeiro emprego foi na Companhia de Seguros Ipiranga, na rua XV de Novembro, onde entrei como auxiliar de escritório. Eu tinha 14 anos. Muito curioso, eu tinha o hábito de nunca ficar só naquilo que me era determinado. Um dia, um amigo que trabalhava na Votorantim me falou sobre a Empresa. Tomei a decisão por minha conta. Nem falei com meu pai. Fui lá, preenchi a ficha e, depois de uma semana, me chamaram. Ofereceram uma vaga de Office-Boy, com o dobro do salário que eu ganhava na Companhia de Seguros. Não hesitei.”

O Office-Boy e o Comendador

O Office-Boy tinha que usar um jaleco. Era parecido com o atual uniforme dos Correios, meio amarelado. Eu trabalhava para o Departamento Pessoal, mas ficávamos num salão enorme, que reunia todas as seções. No final de um corredor, tinha um local fechado com vidros escuros, que era o escritório do avô do doutor José Ermírio, o Comendador Antônio Pereira Ignácio. Ele já estava com bastante idade, mas freqüentava diariamente o escritório. E gostava de brincar. Quando passava por nós, olhava se havia lâmpadas acesas, batia nas costas de alguém e perguntava: ‘Ô, menino, precisa essa luz?’ ‘Precisa, Comendador, senão não dá’, respondíamos. ‘Deixe-me ver. Apague’, ele dizia.”



ACERVO SÉRGIO PICAZIO

Sérgio Picazio discursa no jantar de final de ano do Grupo Votorantim. Doutor Ermírio Pereira de Moraes, Doutor José Ermírio de Moraes Filho, Senador José Ermírio de Moraes e Antônio Ermírio de Moraes.

Vontade de aprender

“Fiquei dois meses como Office-Boy e logo passei a auxiliar de escritório. Ganhei atribuições no arquivo, preenchia blocos de papel carbono. Mas eu não conseguia ficar preso só numa coisa. Minha vontade era sempre de aprender. Fiz um curso de datilografia e, dois anos e meio depois, eu já era o subchefe do Departamento Pessoal. Tinha os meus 17 anos. Acho que era mais ou menos em 1955. Nessa época, o principal produto da Votorantim já era o cimento, mas existiam outras Fábricas, mais antigas, que fabricavam o sabão Peri, o óleo Primus e o óleo Lucinda, que era o nome da esposa do Comendador, Lucinda Pereira Ignácio. Mais tarde, essas Fábricas foram extintas.”

Santo dia 4

“A casa de minha família era muito grande. Por isso, tínhamos o hábito de fazer festas no Carnaval e em São João. Convidávamos os amigos e vizinhos. Um dia, uma amiga levou uma menina que morava quase defronte à nossa casa e que eu não conhecia. Começamos a namorar. Depois de três anos, nos casamos. Foi num dia 4 de setembro. Eu tenho uma coisa com o dia 4. Os acontecimentos mais importantes da minha vida sempre ocorrem nesse dia, não importa o mês. Minha filha nasceu num 4 de janeiro. Meu filho, num 4 de maio. E eu entrei na Votorantim num dia 4 de novembro.”

O autodidata

“Fiquei 15 anos no Departamento Pessoal. Um dia, fui transferido para a Contabilidade. Depois de um tempo, percebi que a Empresa carecia de uma orientação jurídica sobre as leis que era obrigada a cumprir e comecei a me interessar pelo assunto. Assinei jornais e revistas e fui me tornando um autodidata nesta área. Comecei, então, a dar este tipo de orientação. Fazia circulares para Fábricas, depósito e departamentos quando tinha alguma informação nova. Especializei-me em imposto de renda e balanço. Em 1986, acabei assumindo a Gerência da Contabilidade.”

Dr. José Ermírio

“Ele era uma pessoa marcante. Tinha muita consideração com seus funcionários, principalmente os mais antigos. Depositava uma confiança muito grande na gente. Era um homem com muitos interesses. Foi presidente do Rotary Club, do Colégio Rio Branco, dos Patronos do Theatro Municipal e até da Federação Paulista de Futebol. Tinha uma memória extraordinária e uma visão muito ampla das coisas. Era uma pessoa sobretudo humana. No caso de um deslize de um funcionário, sabia ser enérgico, mas nunca era agressivo.”

O prazer de falar do passado

“O resgate da memória da Empresa é uma iniciativa muito interessante. Embora a memória da gente nunca apague aquilo que passou, falar e transmitir é diferente de só pensar. Eu acho que falar do passado é muito prazeroso.”



Sérgio Alvino Picazio nasceu em São Paulo (SP), em 16 de setembro de 1933. Em 1948 iniciou no Grupo Votorantim como Office-Boy do Departamento Pessoal, passando por vários cargos até tornar-se Assessor Particular de José Ermírio de Moraes Filho.

De Boieiro a Supervisor de Produção

por Samuel Figueiredo



Entrei na Votorantim no dia 12 de janeiro de 1982. Eu soube que haveria uma vaga para líder de turno e procurei a Empresa para fazer um teste. Estavam iniciando a Fábrica de óxido de zinco na Companhia Mineira de Metais, em Três Marias. Eu já conhecia a Empresa há muitos anos, pois, quando era criança, ganhava um dinheirinho trazendo comida para os funcionários. Era a profissão de Boieiro na época: trazer a “bóia” para o pessoal que trabalhava na Empresa, pois não tinha cantina. Os boieiros traziam a comida das casas lá da cidade. Quando entrei na Empresa, em 82, eu não tinha nenhuma experiência profissional. Só mesmo a formação e um estágio feito numa outra empresa. Ao longo desse tempo, pudemos crescer – eu e a Votorantim. Antes não tinha cantina e somente uma casinha de zinco onde o pessoal almoçava. Hoje você vê a cantina grande, muito boa, que atende tanto os funcionários como os parceiros”.

* * *

Samuel Figueiredo nasceu em Corinto (MG), em 17 de setembro de 1960. cursou o técnico em metalurgia. Em 1982 iniciou na Companhia Mineira de Metais, onde permanece até hoje. Exerce a função de Supervisor de Turnos de Produção Metalúrgica – Eletrólise.



Equipe técnica de levantamento topográfico e sondagem das jazidas. Vazante, Minas Gerais, 1953.

De Pintor Letrista a Segurança do Trabalho

por Darcy Mendes do Nascimento



“Comecei na Votorantim como Pintor Letrista, responsável por toda a parte de sinalização da Fábrica. Depois de alguns anos, fiz o curso de Segurança do Trabalho e passei a Técnico de Segurança. Nosso trabalho é fazer a integração do pessoal que está sendo admitido e orientar sobre as normas. Desde que entrei na Empresa, em 1988, houve uma redução de cerca de 80% nas ocorrências. É um trabalho que vamos construindo dia após dia. Estou aqui há 14 anos. Meu pai também foi funcionário do Grupo.”

* * *

Darcy Mendes do Nascimento nasceu em Capão Bonito (SP), em 8 de janeiro de 1962. Especializou-se em segurança do trabalho. Começou a trabalhar na Companhia Brasileira de Alumínio em 1988, como Pintor, no setor de Construção Civil. Atualmente é Técnico de Segurança do Trabalho.

De Carpinteiro a Engenheiro

por Antônio Rubens Gallonetti



“Meu pai trabalhou na Empresa de 1957 a 1965, e depois de 1969 a 1989. Ele era Carpinteiro. Desde a minha infância, eu sempre quis trabalhar como ele. Trabalhei em olaria, capinei em

volta de pé de mexerica e de laranja, plantei grama. Em 1974, através do Chefe da Carpintaria, o senhor Pedro Santala, consegui me empregar na Votocel. Comecei como Ajudante de Carpinteiro. Trabalhei de 1974 a 1977. Aí terminei o colégio, prestei o vestibular para Engenharia e passei. Pedi dispensa da Votocel nesse período e voltei logo depois de terminar o curso de Mecânica Industrial. Comecei a trabalhar no Celofane. Hoje sou Consultor de Processo .”

* * *

Antônio Rubens Gallonetti nasceu em São Manuel (SP), em 3 de outubro de 1953. É Engenheiro Industrial Mecânico. Trabalhou no Grupo Votorantim de 1974 a 1977 e retornou em 1983 permanecendo até hoje, como Consultor de Engenharia de Processos da Votocel Filmes Flexíveis Ltda.

Sanfona e Companhia

por José Alves Pereira



“Nasci no município de Lagamar, noroeste de Minas, em 1967. Trabalho como Analista Químico em Laboratório, mas entrei no Grupo como Estagiário em Vazante, em 1987. Passei por várias etapas. Comecei como ope-

rador de flotação, depois vim para Três Marias, onde estou até hoje, e muito feliz. Daqui não saio mais. A Empresa incentiva e dá condições de crescimento. Acho que cresci muito, profissional e socialmente. Além disso, a Mineira acreditou no trabalho paralelo de música que faço. Patrocinou nosso CD e eu me sinto muito honrado por isso. Nosso trabalho de música é cultural e de preservação de raízes. Minha família é do interior. Costumo dizer que eu saí da roça, mas a roça não saiu de mim. A gente preserva essas raízes até hoje, por mais que goste do conforto. Meu pai morava num arraialzinho chamado Canastra e era muita forrozeiro. Gostava de festa, de Folia de Reis, de sanfona e viola. Eu sempre o acompanhava nas festas. Um dia, um amigo dele me deu uma sanfona de presente. Ela tinha custado 20 quilos de carne e uma bicicleta velha. Eu tinha uns nove anos de idade e de lá pra cá não parei mais. Estudei, fiz outras coisas, mas nunca deixei a música de

lado. Em Uberlândia, onde estudei, a música até ajudou a custear as minhas despesas. Tocava nos forrós da cidade. Quando vim para Três Marias, comecei a animar umas festas por aqui. Agora a gente tem uma banda que faz shows nos fins de semana. E um programa de rádio, que se chama ‘Sanfona e Companhia’, das 5 às 7 da manhã, muito voltado para a região, para a zona rural. A Mineira também patrocina o programa. Todos os dias, às 5, a gente começa o programa dizendo: ‘Sanfona e Companhia’, o programa que acorda Três Marias. Não tem tristeza, é só alegria.’ ”



José Alves Pereira nasceu em Lagamar (MG), em 25 de dezembro de 1967. cursou o Técnico em Química. Começou a trabalhar na Companhia Mineira de Metais em 1989, onde atualmente é Técnico Químico III.

Das embalagens às pessoas

por Paulo Henrique Paiva



“Entrei na Empresa como Ajudante de Embalagem, numa linha de produção. Hoje estou trabalhando com pessoas, na área de Recursos Humanos. Meu papel é ajudar as pessoas a se desenvolverem mais, a descobrirem as suas habilidades. Acho isso muito legal: fazer com que as pessoas se sintam mais valorizadas.”

* * *

Paulo Henrique Paiva nasceu em Manduri (SP), em 22 de agosto de 1977. Iniciou a carreira na Companhia Brasileira de Alumínio em 1997, no setor de Folhas Laminadas. Atualmente é Assistente de RH e cursa Administração de Recursos Humanos.

Pedreiro e Mecânico

por José Sebastião de Sousa

“Minha primeira profissão na CBA foi como pedreiro. Trabalhei três anos e depois comecei na Oficina Mecânica, onde estou até hoje. A CBA foi o primeiro lugar em que tive estabilidade de emprego. Por isso, pude fazer um curso de torneiro mecânico e mudar de área. Consegui uma remuneração melhor. Estou na Empresa há 24 anos. A CBA dá todo o apoio para quem quer estudar, subir na profissão, melhorar de vida. Faz oito meses que o meu filho também está trabalhando aqui. Ele está muito satisfeito. E eu também.”



* * *

José Sebastião de Sousa nasceu em Viçosa (AL), em 15 de janeiro de 1952. Fez curso de torneiro mecânico. Ingressou na Companhia Brasileira de Alumínio em 1979, onde permanece até hoje como Torneiro Mecânico.

Pioneira na Logística

por Ivonete Aparecida Santos



“Entrei na Votorantim no dia 1º de abril de 1991. Sou Facilitadora da área de Logística. É uma setor agitado, que envolve outras áreas, como Produção, Compras, Manutenção, Expedição, Faturamento. É bem dinâmico. Este trabalho me proporcionou muitos desafios, pois, quando comecei, era uma área gerenciada exclusivamente por homens. Havia pouquíssimas mulheres. Havia receptividade na parte de administração, mas senti preconceito em outros setores. Quando fazíamos reuniões sobre transporte, por exemplo, só tinha homens. E para um motorista de caminhão resolver um problema com uma mulher, era um problema. Com o passar do tempo, isso foi mudando. Todos foram se adaptando e hoje existem mais mulheres na área. Tive momentos difíceis, mas estas situações me trouxeram muito crescimento pessoal e profissional.”

* * *

Ivonete Aparecida Santos nasceu em Sorocaba (SP), em 17 de janeiro de 1964. Formou-se em administração de empresas, com especialização em administração de comércio exterior. Em 1991 começou a trabalhar na Votocel Filmes Flexíveis Ltda. Atualmente é Facilitadora de Logística.

Bodas de prata

por Sílvia Maria Martorelli

“Entrei no Grupo Votorantim em 1978, um dia antes de completar 18 anos. Comecei trabalhando como recepcionista na Indústria, Comércio e Metalúrgica Atlas. Foi meu primeiro trabalho com carteira assinada. Como recepcionista, tive oportunidade de conhecer muitas pessoas. Depois de alguns anos, fui convidada para trabalhar em Departamento Pessoal. Também foi uma experiência boa. Mais tarde, me chamaram para substituir a Secretária do Diretor Industrial, que havia saído para ter bebê. Foi aí que comecei a lidar com o secretariado. Descobri que era isso o que eu queria fazer. Deu certo e fiquei. Alguns anos depois, comecei a estudar Psicologia. Em 1984, tornei-me a Secretária do doutor Antônio Ermírio Filho. Já vai fazer 25 anos que estou na Votorantim. Bodas de Prata! Acho que não consigo imaginar a minha vida sem o meu trabalho aqui. O que eu sou hoje são os pequenos pedaços de todos os momentos que vivi.”



Sílvia Maria Martorelli nasceu em São Paulo (SP), em 8 de Agosto de 1960. É Secretária Executiva. Iniciou em 1978 como Recepcionista da Metalúrgica Atlas. Atualmente é a Secretária de Antônio Ermírio Filho.

Dia de visita

por Carlos André Mantovani



“Eu entrei na Votorantim em 1979. Consegui a vaga de Desenhista Projetista através de um anúncio no jornal “A Cidade” de Ribeirão Preto. Fiz um teste e fui aprovado. Aqui tive a oportunidade de trabalhar em diversas áreas. Minha carreira foi maravilhosa. Praticamente 25 anos. Sou uma pessoa realizada profissionalmente. Constituí uma família. Na fábrica temos um programa chamado “Um Dia com a VCP”, quando os filhos vêm visitar os pais no trabalho. Na verdade, conhecer o ambiente de trabalho que o pai ou a mãe frequenta. Porque em casa é comum eles perguntarem: ‘Pai, o que você fica fazendo lá tanto tempo?’ Então eles vêm. É muito envolvente. Eu tenho um filho de 10 anos e ele tem paixão para esse dia realmente. ‘Pai, quando é que vai ser o dia?’, ele pergunta. Isso é motivo de satisfação para a gente.”



Carlos André Mantovani nasceu em 16 de julho de 1954, na cidade de Ribeirão Preto (SP). Ingressou na VCP em 1979. Atualmente é Assistente Técnico de Processo.

O Magazineiro que gostava de computador

por Edson Marcondes dos Santos



Comecei no grupo Votorantim em março de 1983, como Magazineiro, que auxilia o Tecelão. Ele abastece os teares, colocando os carretéis de linha. Um dia, surgiu a oportunidade no escritório da Tecelagem, para substituir uma Auxiliar que tinha entrado em férias. Quando ela voltou, pediu demissão e acabei ficando. Comecei a procurar um outro posto, pois na Tecelagem tínhamos que acordar muito cedo. O trabalho era das 5h à 1h, e isso atrapalhava meus estudos. Um tempo depois, surgiu uma oportunidade na Mecânica, onde fiquei um ano. Um dia, chegou na Fábrica o primeiro computador. Era um XT 2002 da Microtec. E eles precisavam de alguém que tivesse conhecimento técnico para cuidar da máquina. Eu dei o meu nome, pois já fazia cursos de informática. Era o que eu gostava. Fui me envolvendo cada vez mais com a informática e hoje sou Analista de Sistemas no Centro Administrativo. Tenho muito orgulho do meu trabalho na Votorantim.”

* * *

Edson Marcondes dos Santos nasceu em Sorocaba (SP), em 8 de fevereiro de 1969. É Técnico em Processamento de Dados, especializado em análise de sistemas. Iniciou em 1981 na Fábrica de Tecidos Votorantim, como Magazineiro. Atualmente é Analista de Sistemas da Cimento Rio Branco S.A – Unidade Santa Helena.



Almoxarifado da Companhia Nitro
Química Brasileira no bairro de
São Miguel Paulista, São Paulo.
Década de 40.



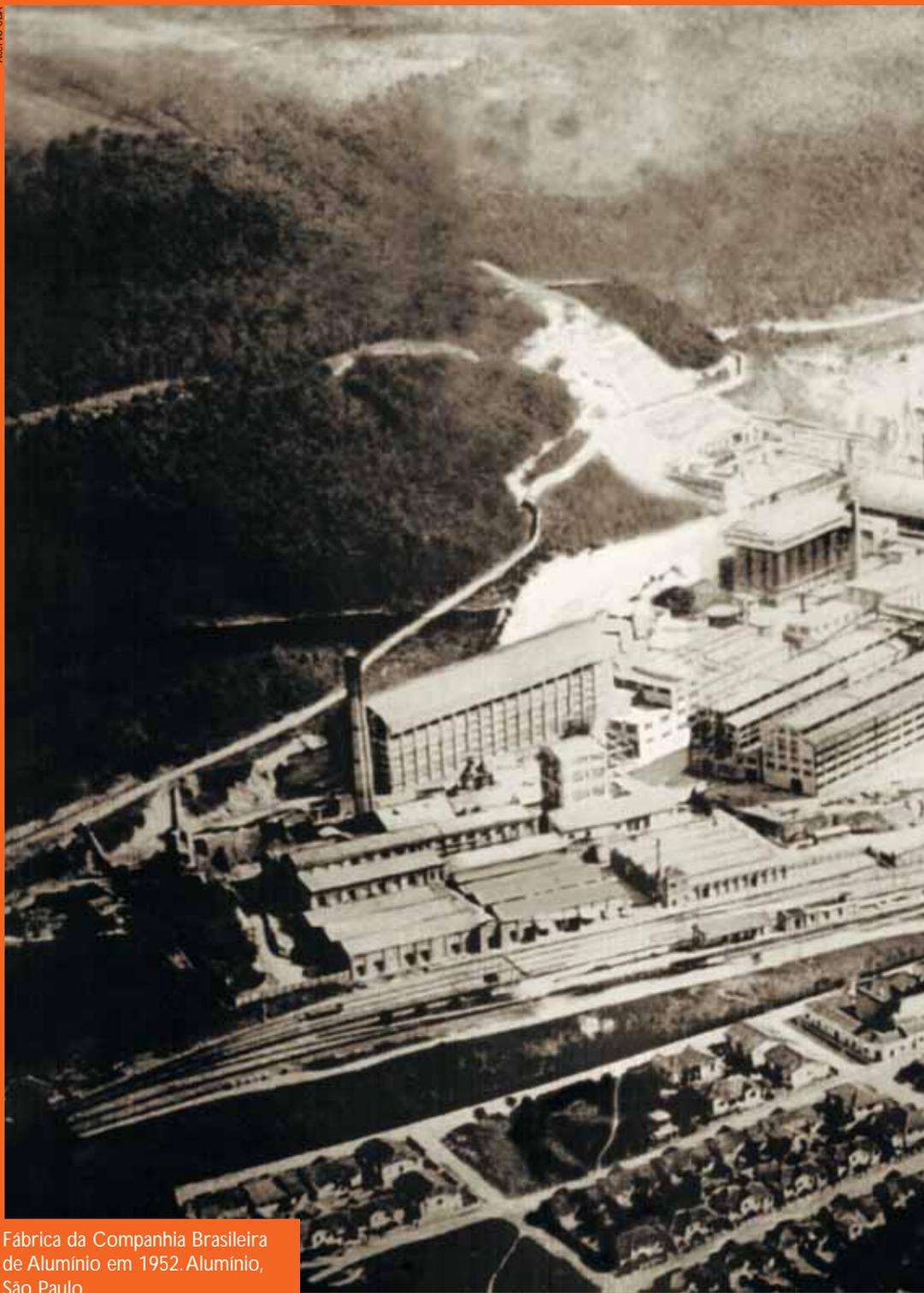
Votorantim
85 anos



Dia~a~dia

histórias de nosso
cotidiano – detalhes
curiosos do passado
e do presente, os fatos
mais marcantes

1918-2003



Fábrica da Companhia Brasileira de Alumínio em 1952. Alumínio, São Paulo.



A moedinha do sabão Peri

por Valdemar Martinez



“Meu pai era comerciante. Tinha um pequeno armazém de secos e molhados, no bairro do Tucuruvi, em São Paulo. Vendíamos vários produtos, inclusive o sabão Peri e o óleo Poti, que eram produzidos pela Votorantim. Uma vez, teve uma promoção: quem encontrasse uma moedinha dentro da barra de sabão Peri ganhava como prêmio um corte de tecido. E minha mãe ganhou. Fui com ela receber o prêmio no escritório onde eu iria trabalhar alguns meses depois. Isso foi por volta de 1957 e eu estava com 17 anos. Foi um amigo meu, vizinho e colega de infância, que me falou do emprego. Disse que estavam precisando de um Arquivista, e eu me candidatei. Estava precisando trabalhar, e deu certo!”

Família trabalhadora

“Meu pai era espanhol, nascido em Almeria, uma cidade do sul da Espanha. Minha mãe era de Campinas, de origem italiana. A família, modesta. Todos lutavam. Somos seis filhos: cinco irmãs e eu. As mais velhas são gêmeas. Eu me lembro de quando elas

trabalhavam na Companhia Telefônica de São Paulo, época em que os serviços telefônicos precisavam do auxílio das telefonistas. Depois elas mudaram de emprego, cresceram em suas profissões. Todos estudavam e trabalhavam. Tentando ascender, melhorar de vida. Morávamos na periferia de São Paulo, no bairro do Tucuruvi, onde fiquei até os 30 anos, quando me casei. O Tucuruvi era um cinturão verde, com chácaras que produziam hortifrutigranjeiros. Depois, foram loteando as grandes áreas, vendendo e urbanizando...”

O cimento precioso de Brasília

“A Votorantim tinha vários departamentos. Eu entrei na área de Cimento, Vendas e Faturamento. Na época, o cimento era um produto precioso, pois a procura era maior que a oferta. Eventualmente, havia falta do produto no mercado, e as pessoas que trabalhavam, paravam. Então, periodicamente, acontecia uma espécie de histeria em torno de quem vendia cimento. Eu me lembro que, uma vez, só eu na seção na hora do almoço, e tocou o telefone. Era um ministro pedindo cimento para a construção de Brasília e querendo falar com nosso Diretor. Pedi para ele ligar mais tarde e anotei seu telefone para o Diretor dar retorno. Foi incrível. E eu era menino naquela época.”



Fábrica de Cimento Portland Poty.
Paulista, Pernambuco.
Década de 40.

Escola de Arquivista

“Tive o privilégio de começar como Arquivista, um camarada que guarda a memória, que cuida do que está acontecendo. Quer dizer, mais dia, menos dia, tudo que acontece acaba no arquivo. Se o Arquivista for atencioso, curioso, ele acaba se inteirando de toda a vida da empresa. Esta foi a minha grande escola. Eu aprendi a redigir porque lia toda a correspondência. Aprendi a me preocupar com estilo, a forma de escrever. Assim fui aprendendo... Além disso, havia muitos incentivos. Quer dizer, se eu resolvesse fazer o trabalho do chefe, ele provavelmente pensaria, ‘o que esse camarada está querendo?’ Mas também ia conferir até onde eu era capaz. Então, era o desempenho que definia o limite de qualquer um dos funcionários da Votorantim.”

Mudança de trajetória

“Um acontecimento inesperado me levou para a Administração de Vendas. Em 1968, o governo brasileiro instituiu o controle de preços no País, criando o Conselho Interministerial de Preços, ligado ao Ministério da Fazenda. Por esse decreto, todas as empresas tiveram que apresentar planilhas de custo, explicando como chegavam ao preço dos seus produtos. Em resumo, tínhamos que explicar o seguinte: vendo tal coisa por dez porque ela me custa oito e eu preciso ganhar dois. Inicialmente, pediram para a seção

Técnica fazer este trabalho, mas eles não conseguiram, pois o enfoque precisava ser administrativo. Começamos a cuidar disso para todas as Fábricas de cimento. Nessa época, tínhamos três no Nordeste, três no Sul e mais duas em São Paulo. Com isso, nosso trabalho mudou radicalmente. Eu estava me preparando para vender cimento e passei a cuidar do custeio do produto. Fiquei nessa área até 1988, quando acabou o controle de preços, e voltamos a ter liberdade de fixação. Tornei-me, então, Assessor Pessoal do Dr. José Ermírio de Moraes.”

Cimento e ditadura

“Na Votorantim sempre houve uma separação muito grande entre atitude política e atitude empresarial. Mas durante o governo militar, aconteceu um incidente curioso. O Senador José Ermírio de Moraes entrou na política pelas mãos do Governador de Pernambuco, Miguel Arraes, que era de esquerda. Isso deixou todos perplexos. Como é que um dos grandes empresários brasileiros podia se unir à esquerda? Então, um dia, levaram nosso Contador para a Aeronáutica. Ele ficou uma semana por lá, prestando depoimentos. Queriam saber se o Senador tinha usado dinheiro da Empresa para fazer a campanha, coisas do gênero. Mas, como estava tudo certinho, eles acabaram soltando o Contador. Acho que foi algum desavisado, com uma autoridade eventual, que resolveu dar uma apertadinha na Empresa...”

A modernização das fábricas

“Ao longo dos anos, as Fábricas mudaram muito. A principal razão desta mudança foram as novas tecnologias. Hoje, o funcionamento de uma Fábrica de cimento é todo computadorizado. Tudo é automático. Qualquer problema, soa o alarme e os fornos param imediatamente. As Fábricas se modernizaram, e a Votorantim adaptou a quantidade de mão-de-obra para as suas necessidades atuais. Porém, quanto a seus funcionários, a Empresa não é muito sujeita a atitudes pontuais. Quer dizer, ela não pensa assim: se o mercado encolher, eu mando embora; e se ele melhorar, eu vou lá e contrato. Para os problemas de curto prazo, a Votorantim não tem este tipo de atitude. A Empresa sempre tem um pouquinho de paciência e mantém o pessoal para ver o que vai acontecer mais adiante.”

Trabalho com o Dr. José

“O Dr. José acompanhava o desempenho de todas as Fábricas com bastante cuidado e atenção. Só que era muito trabalho. Ele recebia muitos papéis, não tinha tempo de ler tudo. Então, desenvolvemos uma maneira para que ele acompanhasse esses números, preparando relatórios sobre cada uma. Fazíamos uma espécie de triagem para diminuir a quantidade de documentos que ele precisava analisar. Assim, passei a acompanhar o que acontecia em

cada um dos fornos, em cada uma das Fábricas de cimento. O Dr. José era extremamente eficiente no que fazia, e tinha uma memória fabulosa. Era fácil trabalhar com ele. Além disso, era também muito atento às pessoas à sua volta. Uma atenção sincera. Ele gostava mesmo de saber se estava todo mundo bem.”

O crescimento da Votorantim

“Nesses anos em que estive na Empresa, a Votorantim cresceu muito. E acho que isso é resultado de nossa forma de administrar. A Votorantim se antecipa ao mercado. Procura crescer junto com ele. E reinveste todos os lucros. Isto é extremamente importante. Hoje, vemos no Brasil muita empresa pobre e empresário rico. Na Votorantim isso não acontece. Ela é muito bem administrada. Acho que este fato é muito bom para o Brasil. A Empresa é um patrimônio do País. O cimento que ela produz é importante e necessário para o nosso crescimento. Da mesma forma, é o alumínio. Acho que a administração competente da Votorantim é, em última análise, uma atitude altamente patriótica.”



Valdemar Martinez nasceu em Itajú (SP), em 19 de outubro de 1939. Graduiu-se em Ciências Contábeis. Iniciou no Grupo Votorantim em 1957, no cargo de Serviços Gerais da área de Cimentos, e assumiu a Administração de Cimento em 1989. Atualmente é Assessor da Diretoria do Grupo.



ACERVO ARGEMIRO INHANEZ

Dr. Antônio Ermírio de Moraes
acompanha visita da equipe técnica
nas jazidas de zinco. Vazante,
Minas Gerais. 1954.

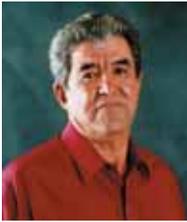


ACERVO MEMÓRIA VOTORANTIM

Limpeza do pátio da Fábrica Rodovalho para construção da Companhia Brasileira de Alumínio. Alumínio, São Paulo. Década de 50.

Os burrinhos ensinados

por Paulo Vieira de Moraes



“Nasci em Votorantim. Mas meus pais eram de Piedade. Trabalhavam na lavoura. Comecei a trabalhar com 14 anos e com 19 fui para a Fábrica, onde estou há 41 anos. Meu irmão também trabalhava lá. Comecei no setor de cal, na função de Operador de trator. Morávamos na Vila Operária, que tinha umas 750 casas, campo de futebol, cinema, cadeia e delegacia e era administrada pela Votorantim. Minha vida era da Fábrica para a vila, e da vila para a Fábrica. Depois do cal passei a Lubrificador de seis fornos. Fiquei 22 anos como Mecânico de Máquinas Pesadas. Agora, lido com o minério na pedreira. Minha função é tirar água da pedreira, para depois poder tirar o calcário. O serviço antes era pesado. Era tudo no braço. Agora a máquina carrega tudo e põe no caminhão. Mais antigamente ainda, quando eu era menino, a limpeza da pedreira era feita com burro. E os burrinhos eram ensinados. Eles carregavam o material, andavam sozinhos uns 600 metros, descarregavam e voltavam para ser carregados de novo. Era aquela fila de burrinhos, um atrás do outro. Quando eu falo isso hoje, ninguém acredita. Mas é verdade.”



Paulo Vieira de Moraes nasceu em Votorantim (SP), em 26 outubro de 1943. Coursou até a quinta série na Escola da Vila de Santa Helena (Votorantim) e iniciou a carreira na Cimento Rio Branco S.A. – Unidade Santa Helena, em 1967. Aposentou-se no Grupo, como Mecânico de Bomba d’Água.

Cuidando dos vivos e dos mortos

por Iraci Martins Lima



“Comecei na Votorantim como telefonista. Tive um problema de audição e passei para o Serviço Social. Na época, a gente fazia de tudo. A cidade de Alumínio não tinha velório ou necrotério, então, em casos de acidente ou morte, nós é que tínhamos que ajudar. Troquei muito defunto e socorri muita gente na estrada. Mais tarde, veio o convênio com a funerária e eu não precisei mais fazer isso. Mas nunca tive medo de trabalhar. Para a gente fazer um serviço, tem que gostar. Falam que eu sou ‘pau pra toda obra’. Podem me chamar a qualquer hora do dia ou da noite, no baile, forró, qualquer lugar. Eu estou sempre à disposição para atender. Isso porque eu gosto de cuidar das pessoas.”

* * *

Iraci Martins Lima nasceu em Waitaba (BA), em 23 de junho de 1953. Profissionalizou-se como Atendente de Enfermagem. Atualmente exerce o cargo de Auxiliar de Serviço Social na Companhia Brasileira de Alumínio, onde entrou em 1991.

Inri* Ltda.

por José Benedito Rodrigues Junior



“Entrei na Votorantim em 1985. Atualmente sou Supervisor de Pessoal. Acho que esta iniciativa de resgatar a memória da Votorantim é muito interessante, pois mantém viva a história. Na Fábrica de tecidos havia um caso famoso, que todo mundo contava. Era assim: um dia, um funcionário novo recebeu a tarefa de contar os crucifixos no almoxarifado. O sujeito estava tão preocupado em mostrar trabalho, que foi profissional até demais: contou e escreveu no relatório: ‘50 crucifixos da marca INRI’. Isso foi muito engraçado. E não é piada.”

* * *

* Inscrição na cruz de Cristo que significa: Jesus de Nazaré, Rei dos Judeus.

José Benedito Rodrigues Junior nasceu em São Paulo (SP), em 21 de agosto de 1958. É graduado em Ciências Contábeis. Entrou na Votorantim em 1985, como *Trainee* na seção de Auditoria Interna. Atualmente ocupa o cargo de Supervisor de Pessoal da Votorantim Participações.

José Ermírio de Moraes Filho inaugura o parque infantil Helena Pereira de Moraes, Votorantim, São Paulo, 1958.





O dia mais emocionante

por Antonio Eymard Rigobello



“Estou na Empresa há 23 anos. Tive momentos bons durante este período, mas o dia mais emocionante de minha carreira foi 25 de outubro de 2001. Exatamente às 23 horas e 57 minutos. Foi quando colocamos em funcionamento a nova sala de eletrólise na nossa Unidade de zinco. Com ela, passaríamos de uma produção de 115 mil toneladas para uma de 160 mil toneladas. Um aumento de praticamente 50%. Foi um momento muito marcante. Toda a equipe reunida deu as mãos e rezou. Agradecemos a Deus por um momento tão especial, por tudo ter acontecido dentro da normalidade, sem acidentes. Estávamos implantando uma tecnologia de ponta, única no País. Muito investimento. Ligamos para São Paulo, acordamos os Diretores. Foi uma alegria muito grande!”

* * *

Antonio Eymard Rigobello nasceu em Monte Santo de Minas (MG), em 4 de maio de 1957. Coursou Engenharia Geológica, especializou-se em Engenharia Sanitária Ambiental e tem MBA Executivo. Em 1981 foi admitido como Engenheiro Geólogo da Cia Mineira de Metais. Atualmente é Gerente Geral de Metalurgia.

Sonho de Motorista

por Luis Carlos Bento



“Nasci em Bela Vista do Paraíso, no Paraná. Minha família trabalhava na lavoura. Comecei na Votarantim em 1985, na Carpintaria. Tive que passar por uma adaptação, pois não conhecia nada de prego e martelo. Um ano depois, saí. Minha imaginação andava mais rápido. Eu queria outra coisa. Mandeí um currículo para o setor de Transportes. Queria dirigir caminhão. Era um sonho. No Pa-

raná, quando passava o ônibus perto de minha casa, ao meio-dia, ele buzina. A gente já estava lá no meio da lavoura. Eu ficava imaginando: um dia quero ser Motorista. Hoje trabalho com o cebolão, um tanque que leva o óxido para a sala-forno. Fico transitando pela Fábrica. Mas ainda quero progredir mais. Porque tudo que é bom tem que ir adiante. Não é?”

* * *

Luis Carlos Bento nasceu em Bela Vista do Paraíso, Paraná, em 5 de julho de 1965. Entrou na CBA em 1987, como Meio Oficial de Carpintaria. Atualmente trabalha no Departamento de Transporte como Motorista.



Acervo CDA

Ferrovia por onde chega o minério na fábrica da Companhia Brasileira de Alumínio, em funcionamento desde 1952. Alumínio, São Paulo.

Máquinas e homens

por Antônio de Pádua Ferreira



“Meu irmão já trabalhava na CBA. Então, quando cheguei, achava que sabia o que iria encontrar. Tinha a idéia dele. Mas foi uma surpresa. Na CBA, me deparei com uma Empresa que realizou todos os meus anseios de recém-formado. Tive oportunidade de crescer. Já estou aqui há 21 anos. Entrei na área de Extrusão, como Técnico na Trefila de Tubos. O que mais marcou meu trabalho foi a modernização de nosso departamento, a automatização das máquinas. Quando entrei, elas eram muito antigas, mais lentas. Hoje temos um quadro fantástico. Estamos preparados para atender e enfrentar um grande mercado. Outra coisa marcante é ver pessoas que começaram trabalhando com você, na sua equipe, crescerem. Passarem de simples Operadores a Técnicos capacitados. Isso significa que elas estudaram, se desenvolveram. Foram incentivadas. Essa é uma das maiores satisfações que eu tenho no dia-a-dia do meu trabalho.”



Antônio de Pádua Ferreira nasceu em Ouro Preto (MG), em 28 de novembro de 1957. É Técnico Metalúrgico. Iniciou a carreira em 1982 como Técnico na Companhia Brasileira de Alumínio e atualmente é Técnico de Fundição.

Futebol na Vila

por Luiz Carlos Batista dos Santos



“Comecei a trabalhar na fábrica em 1975, como Office-Boy. Nessa época, havia a Vila Operária, onde todos moravam. Era uma vida em comunidade. Depois do trabalho, íamos para o clube, que também era mantido pela Fábrica, para brincar, jogar bola. Durante alguns anos, tivemos até um time. Era o ADC Votoran. Fazíamos campeonatos. Era muito gostoso. Minha família toda trabalhou na Votorantim: meu pai, que já está aposentado, meu irmão e minha mãe, que fazia faxina. Já estou aqui há 28 anos. De Office-Boy passei para o Almojarifado. Depois fui crescendo. Mudei para a Estocagem e depois para a Entrega de Materiais.”

* * *

Luiz Carlos Batista dos Santos nasceu em Sorocaba (SP), em 16 de maio de 1960. cursou até o segundo grau. Iniciou a carreira em 1975 na Cimento Rio Branco S.A – Unidade Santa Helena. Atualmente é Auxiliar de Almojarifado.



Time de futebol da
Votoran. Votorantim,
São Paulo, 1958.

O bombeiro e as cobras

por Cristian Eduardo Oliva



“Sou Bombeiro na CBA, onde entrei no dia 10 de junho de 1998. Eu estudava em Alumínio e trabalhava no supermercado. Mande um currículo e fui contratado. Gosto muito de trabalhar

como Bombeiro. A gente não pára. Percorre toda a fábrica, conhece tudo. Nossa função é, principalmente, a prevenção de incêndios. Mas também prestamos primeiros socorros e até capturamos animais que aparecem, como cobras e aranhas. Tem muita área verde aqui em volta. Então, é natural que apareçam animais. Nós os capturamos e soltamos na mata de novo. Incêndio grave, combatemos apenas um, numa subestação: foi o mais feio que vi. Mas, em geral, nunca acontece nada grave. O trabalho de prevenção é bom. A gente trabalha seis dias direto, pode ser domingo ou feriado, e depois folga dois. Eu gosto muito do que faço. É um trabalho respeitado e gratificante.”

* * *

Cristian Eduardo Oliva nasceu em São Roque (SP), em 4 de fevereiro de 1977. Especializou-se em processamento de dados. Atualmente é Bombeiro na Companhia Brasileira de Alumínio, onde entrou em 1998.

Salvando o silo

por **Ciro Roque Guimarães**



“Sou natural de Paracatu, Minas Gerais. Atualmente, ocupo a função de Supervisor de Manutenção de Mineração. Entrei na CMM em 1972, numa Fábrica de cimento em Brasília, a Cimento Tocantins. Anteriormente, era Mecânico de automóveis. Eu me lembro muito bem de meu primeiro dia de trabalho. Naquela época, o mercado era um pouco deficiente de mão-de-obra especializada em mecânica industrial. Então, quando fui fazer a entrevista, o Engenheiro de Manutenção me disse: ‘Olha, eu estou procurando pessoas que tenham especialidade em manutenção industrial. Mas vamos fazer uma experiência com você, mesmo sendo Mecânico de automóvel. Vamos ver se você vai se adaptar à mecânica industrial.’ E a primeira pergunta que ele me fez foi: ‘Você tem problema com altura?’ Falei: ‘Não, não muito.’ Apondo uma passarela de 30 metros de altura, perguntou: ‘Você teria coragem de andar naquela estrutura?’ Falei: ‘Acredito que aquela altura não tenha dificuldade.’ Então ele respondeu: ‘Se você não tem problema de altura, eu acredito que você vai dar certo conosco.’ Depois, me fez outra pergunta, muito interessante: ‘Você tem ambição na vida?’ E eu respondi: ‘Tenho, todo homem precisa

ter ambição na vida.' Ele: 'E qual é a sua?' Aí eu respondi: 'Nesse momento, é um dia substituir você, sentar na sua cadeira e ser o Chefe da Manutenção.' Ele até deu um pulinho na cadeira. Foi uma resposta um pouco audaciosa, mas ele achou graça. E, não levou muito tempo, eu estava quase chegando à posição dele. Acho que isso foi interessante para mim. O trabalho em si também foi uma grande experiência. Eu me apaixonei por mecânica industrial e estou nessa área até hoje, há 31 anos. Tivemos muitos momentos marcantes. Mas acho que o mais marcante para mim foi quando salvamos um silo de farinha. Houve um defeito de válvula, e a farinha começou a vaziar. A farinha é uma liga de argila com pedra calcária moída. Estava contaminando toda a Fábrica. Era uma nuvem de poeira que não deixava ver nada na sua frente. Eu resolvi com um colega fechar aquela válvula. Porém, era um risco muito grande. Arrumamos uns apetrechos, algumas madeiras, uma talha pequena e subimos no silo. Tivemos sucesso. Conseguimos fechar a válvula e salvar o silo de farinha, que guardava uma produção de aproximadamente duas semanas."



Ciro Roque Guimarães nasceu em Paracatu (MG), em 1º de abril de 1945. Começou a trabalhar no Grupo Votorantim em 1972, na Fábrica de Cimentos Tocantins (DF). Atualmente ocupa o cargo Supervisor de Manutenção de Mineração na Companhia Mineira de Metais – Unidade Morro Agudo.



Instalações administrativas da
Sociedade Anônima Indústrias
Votorantim. Sorocaba,
São Paulo, s/d.

Poemas e parafusos

Por João Gonzaga de Oliveira

“A turma me chama de João Poeta, porque eu gosto de fazer poesia, declamar e participar.



Nasci em Goiana, Pernambuco e sempre tive muito prazer em trabalhar na Elétrica da Cipasa.

Às vezes trabalhando, apertando parafuso, surge uma música. Quando eu estou lá pego um papel e escrevo. Muitas músicas, versos, têm surgido assim. No trabalho sempre surge alguma inspiração e isso me motiva. Não me esforço, vem naturalmente.

Faço isso no meu trabalho, no meu dia-a-dia, na vida. Já fiz várias músicas para meus companheiros. O pessoal da Fábrica reconhece várias músicas minhas.

Nós trabalhamos nos divertindo e nos divertimos trabalhando. Fiz uma propaganda para o nosso cimento, é mais ou menos assim:

'Eu fui comprar cimento na loja de seu Didi, para
construir minha casa.
Ele veio com outro cimento.
Eu disse: Não, não, eu quero Poty, que é feito na Cipasa.
Cimento de qualidade todo mundo já sabe, homem, me-
nino e mulher.
Que o cimento bom é feito em Caaporã, na Fazenda Catolé.
Merecem uma salva de palma, de engenheiro a peão,
todos que colaboram para essa produção.
Não sou eu quem digo, não.
Pergunte ao pedreiro, ao engenheiro, ao patrão.
Cimento bom é Poty, cimento de qualidade.
Outro não existe não.' ”



João Gonzaga de Oliveira, nasceu na cidade de Goiana (PE), em 10 de junho de 1953. Técnico em Eletrônica, formou-se em geografia. É poeta e músico. Trabalha no Grupo Votorantim há 15 anos e há cinco, como Técnico de Manutenção Jr, na Unidade da Cimento Poty S.A, em Caaporã, Paraíba.

Máquina para papel celofane
impermeável, Votocel.
Votorantim, São Paulo.
Década de 70.





Os dois volumes desta coleção foram elaborados em comemoração aos 85 anos do Grupo Votorantim. Trazem histórias classificadas no concurso interno “Votorantim para Mim” e depoimentos coletados junto aos funcionários, que integram o Projeto Memória Votorantim, processo de resgate da história da Empresa, a cargo do **Museu da Pessoa**.

Agradecimentos

O Grupo Votorantim agradece a todos os funcionários e fornecedores que, direta e indiretamente, contribuíram para a realização do Projeto Memória durante 2003, em comemoração aos seus 85 anos, sem os quais a idéia não teria sido concretizada. Devido ao apoio de muitas pessoas no decorrer do ano, a citação de todos os nomes poderia acarretar em omissões, razão pela qual este agradecimento é generalizado. Nesta lista estão funcionários (especialmente todos aqueles que deram seus depoimentos nas cabines itinerantes), artistas gráficos, redatores, empresas de eventos, gráficas, e toda a equipe do Museu da Pessoa (pesquisadores, entrevistadores, transcritores, indexadores de depoimentos, revisores, equipe técnica, de áudio e vídeo, dentre outros).

Equipe Votorantim

Célia Maria Christofolini Picon

Diretora Geral do Projeto Memória

Elisabete Alina Skwara

Coordenação dos Volumes I e II

Fátima Falcão

Gisele Correa

Jaíde Jarosi

Malu Natel Freire Weber

Marisa Silva

Vivian Bialski

Comitê de Comunicação do Grupo Votorantim

Comissão Julgadora do concurso “Votorantim para Mim”:

Célia Maria Christofolini Picon

Elisabete Alina Skwara

Fátima Falcão

Malu Natel Freire Weber

Soraya Moura

Marisa Silva

Assistente

Equipe Museu da Pessoa

Karen Worcman
José Santos Matos
Direção

Cláudia Leonor
Gestão de Projeto

Soraya Moura
Coordenação Geral

Marcelo Macca
Editor (volume I)

Kiko Farkas/Máquina Estúdio
Design Gráfico
Elisa Cardoso/Máquina Estúdio
Designer Assistente

Silvia Balderama
Revisão

Marcus Garutti
Doulgas Mendonça/Máquina Estúdio
Ilustração

Marcia Ruiz
Administração

Ângela Bianco
Charles Roberto Silva
Jacira Berlink Martins
Marina D'Andréa
Pesquisadores

Danilo Eiji Lopes
Juliano Rodrigues de Lima
Estagiários

Márcia Zoet
Fotos dos funcionários

Museu da Pessoa





Almoço de confraternização da Sociedade Anônima Indústrias Votorantim. Da esquerda para direita Clóvis Scripilliti, José Ermírio Filho, Ermírio Pereira de Moraes, José Ermírio de Moraes e Antônio Ermírio de Moraes. São Paulo, Capital, 1958.

Para reprodução total ou parcial,
favor consultar a Votorantim Participações
comincacao@vpar.com.br

Este livro foi composto em Minion 12/16
e impresso pela Litokromia
com tiragem de 28 mil exemplares
para a Votorantim, na Primavera de 2003